Gustavo Barroso

RE-EDITA 7 VOLS.

1 Guerra do Lopez
2 Guerra do Flôres
3 Guerra do Rosas
4 Guerra de Artigas
5 Guerra do Vidéo
6 Tamandaré
7 Osorio

O livro brasileiro para os Brasileiros que desejam conhecer os episodios mais vibrantes da Historia do Brazil

8 NOVIDADE:
O LIVRO DOS ENFORCADOS

edit. Getulio M. Costa

EM TODAS AS LIVRARIAS-6$000

Typ. Rosolillo - R. Asdrubal do Nascimento, 395 - Tel. 2-1577 - S. Paulo

O LIVRO DOS ENFORCADOS

Gustavo Barroso

O Livro dos Enforcados

Getulio M. Costa

☆

Soldados do Brasil!

A nossa historia é repleta de cenas magnificas de heroismo e renuncia. Logo ao nascer tivemos que combater holandeses e franceses. Fizemos, logo a seguir, a epopéa de penetração. Só isso vale tudo um poema de tenacidade. Os bandeirantes, a selva, o indio e o sonho lindo das esmeraldas, Fernão Dias Paes Leme e Borba Gato. E as campanhas do Sul? Por onde fomos andando, do solo dos caminhos, iamos escrevendo paginas de bravura e sacrificio.

Soldados do Brasil!

Esta coleção de livros é como um presente do autor ao Exercito de nossa Patria. Lendo-os, conhecereis ainda melhor a grandeza de nossa historia.

EM TODAS AS LIVRARIAS

☆ ☆ ☆

Gustavo Barroso
(Da Academia Brasileira de Letras)

O LIVRO DOS ENFORCADOS

LIVRARIA AMADEU
Livros
RUA TAMOIOS, 765
Fone 22-6134
BELO HORIZONTE — MG

MCMXXXIX
GETULIO M. COSTA — Editor
CAIXA POSTAL, 1829 — RIO

A'

memoria do

BARÃO DE STUDART,

meu amigo,

eminente historiador da minha terra,

e

á do Desembargador

PAULINO NOGUEIRA,

que proficientemente coligiu os documentos

historicos sobre os enforcados do Ceará.

O Capitão Cara-Preta

Nove horas da manhã. Muito sol. No ar luminoso e quente, o sino grande do Rosario dobrava lentamente a finados. Pela tortuosa rua do Quartel, entre barrigudas casas de taipa, de biqueiras esbeiçadas, o porteiro dos auditorios, José Agostinho, vinha gritando ao povo que se aglomerava, sobretudo ás esquinas, a sentença pronunciada contra o réu Maximiano da Silva Carvalho, que ia padecer morte natural na forca. Em duas longas fileiras, armas em funeral, caminhavam os soldados do Corpo de Guardas Nacionais Permanentes, com os guritões negros carregados sobre os olhos. No meio, a cavalo, solenes e compenetrados de sua majestade pavorosa, o juiz, José Maria Eustaquio Viera, e o escrivão dos autos, Francisco Manuel Galvão. Atrás, cabisbaixo, abatido, pálido, o criminoso, rapaz imberbe e franzino, sustendo nas mãos algemadas um crucifixo, ladeado pelos confessores da agonia, padres Severino Duar-

te e Castro e Silva. Do pescoço do infeliz pendia o baraço a cuja ponto ia o carrasco Pareça, novato no oficio, de camisa e ceroulas de algodão sujas, descalço. Muita gente seguia o horrendo prestito.

O sino grande dobrava a finados, sem parar. Respondeu-lhe outro, mais longe. Os curiosos comentavam o luzimento dos Permanentes do coronel Tomás Lourenço, todos de farda nova, e a sucumbida atitude do condenado. A indignação pública provocada pelo crime fazia com que quasi ninguem dêle se apiedasse. Menos dum ano, em dias de outubro de 1834, no lugar Damas, á meio caminho entre Fortaleza e Arronches, hoje Porangaba, amanhecera morto com um tiro de bacamarte no ouvido o cultivador José Antonio de Holanda. As supéitas recaíram logo sobre aquêle moço que marchava para o suplicio, seu afilhado, que morava em sua companhia e o auxiliava nos trabalhos do sitio. Preso e inquerido, negou algum tempo tivesse passado aquela noite em casa do padrinho, mas acabou confessando que realmente o matára, quando dormia, com receio que viesse a descobrir um furto de farinha que praticára, castigando-o por êsse motivo. Apesar de menor de 21 anos, o tribunal deixando-se levar pelo prestigio politico do advogado

da familia da vitima e pela opinião exaltada da maioria, condenou-o á morte.

No ar luminoso e quente, os sinos continuavam a dobrar. Sob a soalheira matutina, a procissão atravessou o largo da Feira e entrou a rua da Bôa-Vista, de onde já se avistava a forca armada á esquina da rua do Cotovêlo, deante das janelas da Aula-Régia e da casa da familia Holanda, onde hoje é a praça do Ferreira: dois altos esteios de carnaúba fincados na areia, unidos em cima por uma trave, e, encostada a essa, uma escada de pedreiro. O povaréu zumbindo em volta. O réu olhou o patibulo e vacilou. Os confessores sustiveram-no e exortaram-no. Uma alma caridosa trouxe-lhe um cálice de vinho, que sorveu dum trago.

Ao pé do cadafalso, o padre Severino começou a soluçar alto. Uma janela da residencia do assassinado, que estava toda fechada, abriu-se de repente e nela apareceu uma filha dêle, desvairada e desgrenhada, forcejando por soltar-se das mãos que a puxavam para dentro e gritando:

— Deixem-me!... Deixem-me!... Quero ver morrer o assassino de meu pai!...

Livido, trémulo, impelido pelo algoz, o desgraçado subiu os degráus da escada vagarosamente. Quando Pareça amarrou a cor-

da ao travessão, êle fitou a janela da casa fronteira e a filha do homem que matára caíu para trás, desmaiada. As rótulas fecharam-se com estrepito.

Então, o padre Severino, moderando o chôro, recitou o Credo, enquanto o carrasco empurrava o corpo, que dansou sinistramente no espaço. Segurando-se com a mão esquerda á trave, tapando-lhe a bôca com a direita e calcando-lhe os ombros para baixo com os pés, Pareça agitou-se algum tempo no alto da forca, formando como que um corpo só com o enforcado. Mas êste era duro de morrer e vãos fôram seus esforços para asfixiá-lo.

— Bem se vê que o carrasco é novato! exclamou uma voz antipatica junto ás fileiras dos guarda-nacionais.

Todos se voltaram e deram com a cara alvar do cafuz Antonio Francisco, que diziam ter assassinado o capitão-mór Moreira Gomes. Afastando dois soldados, êle se apropinquou do patibulo e gritou lá para cima:

— Pareça, você não sabe o seu oficio. Faça toda a força com os pés e deixe cair todo o peso sobre o paciente... êle quebra o pescoço e morre! A questão é quebrar o pescoço.

Um murmúrio de indignação acolheu

aquela interferencia. O juiz avançou para o *cabra,* esporeando o cavalo, e ordenou-lhe, ríspido:

— Fóra!... Fóra daqui já!

Antonio Francisco retirou-se lentamente, coxeando, a rosnar:

— Ora essa! Quer um cidadão prestante auxiliar á Justiça e o correm como um malvado... Ora essa!...

O corpo do executado imobilizou-se pendente da corda e o verdugo cortou-a. Mas, logo que caíu ao sólo, como se êste lhe comunicasse alguma vida, se pôs a estrebuchar e a debater-se, estertorando. Parecia sofrer horrivelmente. O povo afastava-se apavorado. Os soldados viravam-se de costas para não presenciarem a cena. Foi então que o capitão João Pereira, certamente tomado de piedade, embainhou a espada, ajoelhou-se sobre o tronco do justiçado, tapou-lhe com ambas as mãos o nariz e a bôca, asfixiando-o. Ao sentir que se não mexia mais, levantou-se, limpou a poeira da farda, desembainhou a arma e, colocando-se á frente de sua companhia, exclamou:

— Agora, sim, está morto!

O *cabra* côxo comentava entre os grupos por ali ainda estacionados, embora muita gente lhe voltasse as costas:

— Está aí no que dá um carrasco novato! Em lugar do réu padecer morte natural na forca, como manda a lei, acaba nas unhas de quem não tem competencia para matar nem para mandar matar. A competencia para isso é do juiz, e o instrumento dêle é o carrasco e não o comandante da tropa, que só comparece para manter a ordem. Lavro o meu protesto contra a irregularidade! Ora essa!...

O capitão João Pereira era um homem maduro, forte, de longa barba escura que lhe dava pelo umbigo e nunca fôra tocada por navalha ou tesoura. Manchas pretas que o povo chama *panos* tornavam sinistro o seu rosto energico. Por isso, os soldados que o temiam pelo seu rigor apelidavam-no de capitão Cara-Preta.

Do enforcamento do joven e perverso Maximiano, em tão priscas eras, a impressão mais forte que perdurou na memoria da população da capital cearense foi a dêsse derradeiro e tetrico quadro: o oficial acabando de matar no chão o pobre sentenciado. Raros admitiram que tal áto fôsse ditado por um sentimento de humanidade. Quasi todos o atribuiram a um requinte de crueldade. O aspéto fisico do capitão muito contribuira para isso.

Durante muitos e muitos anos, amedron-

tavam-se os meninos manhosos com esta ameaça:

— Vou já chamar o capitão Cara-Preta!...

Não havia garoto que se não encolhesse, tremendo, de olhos fechados, no fundo da rêde...

Exemplo sem valor

Servia de oratorio aos condenados á morte, na vila do Crato, pequeno aposento da Camara Municipal, em cujo rez do chão ficava a Cadeia. No dia 4 de dezembro de 1835, ali se achava recolhido o mestiço José Mariano, que devia ser enforcado na manhã seguinte.

Sentado num tamborete e curvado para pequena mesa de madeira tôsca, comia e bebia com grande apetite, enquanto, de olhos baixos, com o breviario nas mãos, o padre José Joaquim de Oliveira Bastos, seu confessor, passeava para lá e para cá, rezando em voz sumida.

Valendo-se da praxe que era satisfazer ás ultimas vontades dos condenados á morte, aquêle exigira verdadeiro banquete para a época e o lugar: galinha de cabidela, vinho e bôlos. O padre rezava. Êle comia com o melhor apetite dêste mundo. Entretanto, praticára um crime bárbaro com todas as agra-

vantes. Premeditára-o longamente. Cometera-o de tocaia, a sangue frio, dando pasto á sua crueldade.

Inimigo por questões sem grande importancia de José Ferreira Castão Junior, atraira-o ao sitio Salgadinho, ferira-o gravemente á traição e levára muito tempo a tortura-lo requintadamente antes que exalasse o último suspiro, arranhando-o e palitando-o com a ponta da faca. Depois, montára a cavalo e fugira para o Icó, onde pretendia assentar praça, livrando-se, assim, das consequencias do homicidio.

Mas a Justiça, embora sempre taxada de ronceira, dessa vez lavrou um tento, andando ligeira, de modo que as autoridades icóenses receberam em tempo de prender o criminoso a necessaria precatoria.

Respondera a júri em 28 de novembro de 1834, sendo condenado á forca. "Cabra facinoroso", como o denominára o meretissimo juiz de direito interino, José Vitoriano Maciel, não recorreu a apelo algum, conformando-se com a sentença fatal. Possuía rara coragem. Comia tranquilamente na véspera da execução e caminhou serenamente para o patibulo, de camisa e calças brancas bem engomadas, passo firme, cabeça a ereta.

Ao seu lado, o carrasco Cavaco parecia menos seguro de si. Era um verdugo famoso no sul da Provincia do Ceará. Tinha uma história interessante, digna de registro. *Cabra* retinto, quasi negro, fôra havia tempos condenado á morte por ter morto um pobre homem que lhe cobrára cem reis. O Poder Moderador comutára a sua pena em galés perpetuas. Fizeram-no carrasco e era aquela a primeira vez que ia servir nas suas tristes, hediondas funções. Após a execução de José Mariano ganharia pratica, tendo executado quatro réus. Quando ficou velho, tiraram-no da enxovia e deixaram-no viver no corpo da guarda da Cadeia. Ás vezes, consentiam que desse um passeio pelas ruas. Numa dessas saídas, matou um sujeito. Recolheram-no novamente ao clabouço. Antes de findo o processo de seu segundo crime, entregou a alma ao Creador.

Batiam oito horas da manhã, quando José Mariano subiu os degráus da forca. Lá de cima olhou sobranceiro a multidão que se apinhava para vê-lo. Fez um gesto e, no silencio profundo que se lhe seguiu, pronunciou estas palavras:

— "Pais de familia, tomai exemplo por mim! Minha mãe não me deu bôa educação e vejo-me aqui nêste lugar, onde vou morrer,

porque os homens me condenaram pelos meus crimes!"

Calou-se. Cosme Cavaco passou-lhe o laço ao pescoço, empurrou-o no espaço e cavalgou-lhe os ombros. A corda, porem, não resistiu áquêle duplo peso e partiu-se. Enquanto o carrasco ficava dependurado da trave pelas mãos, o réu batia no chão, escabujando. Um grito de horror saíu da multidão. Então, um dos guardas-nacionais da força que cercava o patibulo levou á cara a longa espingarda de pederneira e puxou o gatilho. Uma chispa, um clarão, um estampido e a bala varou a cabeça do desgraçado, matando-o instantaneamente.

E o exemplo a que aludira?

Foi um exemplo sem valor. Milhões de vezes a crueldade humana tem repetido os suplicios á face do planeta e milhões de vezes os repetirá sem resultado prático apreciavel. O enforcado achava que lhe faltára a educação materna. Nisso tinha razão. Em verdade, ela vale mais do que todos os patibulos erguidos e por erguer.

O abraço do carrasco

O júri do Crato, composto de doze pessôas gradas e circunspectas, condenou na sua sessão de 7 de agosto de 1834 Francisco Pereira Pinto á pena última. A noticia da sentença alegrou a toda a gente. Fazia-se de verdade justiça, diziam todos.

Quem era e que fizera o condenado?

O processo demonstrava que era malvado do peor estofo. Entrando na casa de duas pobres mulheres, quisera abusar de uma delas, embora se achasse doente de cama. A irmã, em adeantado estado de gravidez, tentou defendê-la. Sacou duma faca e matou a ambas. O filho pequeno da segunda pôs-se a gritar e êle o golpeou de tal geito que o desgraçadinho escapou com vida, mas aleijado para todo sempre.

Os gritos do menino atrairam a vizinhança que prendeu o criminoso em flagrante, todo respingado de sangue e com a arma em punho. Meteram-no na cadeia, no mêsmo cár-

cere em que vivia outro criminoso de morte, Cosme Pereira da Silva, vulgo Cavaco, cuja pena máxima a Regencia convertera em galés perpetua sob a condição de servir de carrasco.

Dia e noite juntos na solidão do calabouço, as duas feras tornaram-se amigas. Jogavam ou conversavam continuamente. Prestavam-se pequeninos favores reciprocos. Riam alegremente como se um não estivesse condenado á morte e o outro destinado a matá-lo.

Encostados aos varões de ferro da grade, os soldados da guarda ás vezes pilheriavam:

— Estás adulando o Cavaco para que êle finja somente que te enforca, ó matagente! Vai te fiando!...

— Amizade de gato com cachorro...

— Qual o que! De gato com rato...

Os dois não replicavam. Sorriam somente.

Chegou, afinal, o dia da execução, 23 de março de 1835. Havia mêses que o algoz e a vitima viviam juntos. Ás seis horas da manhã, os sinos começaram a dobrar a finados.

— E' por tua alma! disse o carrasco.

Ás sete, o prestito saiu da cadeia com

toda a sua horrenda imponencia, caminhando para o alto do Barro Vermelho, onde se erguia a forca. Ás oito, Cavaco passava o nó corredio no pescoço do amigo. Ia já empurrando a escada, quando êste lhe disse:

— Cosme, adeus! Dá-me um abraço bem apertado antes de eu morrer!

E o verdugo cingiu o réu nos seus braços possantes; mas, com os pés, ao mêsmo tempo, empurrava a escada, pesando com todo o seu peso, dependurado do outro, até desarticular-lhe a espinha dorsal e matá-lo.

Na fileira dos guardas-nacionais que cercavam o patibulo, um murmurou para o outro:

— O gato e o rato!

E o outro:

— Deus me livre de abraço de carrasco!...

O cabo de esquadra que comandava a escolta interveio:

— Cala a bôca, cambada!

A forca de Pinto Madeira

Em 1834, a parcial justiça do Crato mandára levantar no alto do Barro Vermelho uma forca desmesurada para dela dependurar o corpo de Joaquim Pinto Madeira, infeliz chefe da reação de 1832 contra a abdicação de D. Pedro I. Fôra feita com tres grandes e fortes vigas de aroeira da serra, da altura de cinco metros. Por mais de vinte anos ali continuou de pé.

No dia 27 de novembro daquêle ano, ao chegar ao pé dessa forca, Pinto Madeira pediu aos seus confessores conseguissem que fôsse fusilado. Era um criminoso politico, antigo oficial superior de milicias, devendo ser-lhe poupada aquela morte ignominiosa. O comandante da força que garantia a execução, José Francisco Pereira Maia, deixou-se convencer, consentiu na troca do suplicio e ali mêsmo, sentado numa cadeira, o infeliz foi arcabuzado.

A forca que não servira para êle servi-

ria para outros desgraçados até a pena de morte cair em desuso. Então, os rapazes folgazões do Crato passaram a servir-se dela para pendurarem os judas nos sabados de aleluia. Botaram-na abaixo, afinal, em 1857, transformando o local numa horta viçosa.

Quem mais padeceu nêsse patíbulo celebre foi o réu João Martins da Silva, no ano da Graça de 1836. Êsse desgraçado, depois de forte altercação com sua mulher, tomado de subitánea fúria, a esfaqueára. O crime foi agravado por se achar a vitima em adeantado estado de gravidez. Julgado na vila do Jardim, onde o cometera, foi executado no Crato contra expressa disposição de lei que mandava expiar o delito no proprio local, afim de gravar funda impressão nas pessôas que conhecessem o culpado e as circunstancias da culpa.

A 30 de janeiro de 1836, o réu foi levado com escolta, baraço e pregão ao alto do Barro Vermelho. O vigario Miguel Carlos exortava-o a morrer como cristão. Subiu com coragem os degráus e, quando o carrasco o empurrou, a corda partiu-se. Veiu abaixo com todo o peso do corpo e ficou como que estatelado no chão.

Então, o juiz municipal interino, Francisco Cardoso de Matos, que presidia ao áto, exprobrou ao carrasco Cavaco a fraqueza da corda. O algoz deu de hombros, respondendo:

— A culpa não é minha. Não fui eu que a comprei. O procurador da Cámara foi quem ma deu. Reclame dêle.

— Vá imediatamente á casa do procurador da Cámara, ordenou o magistrado ao oficial de justiça, e diga-lhe que mande já outra corda!

O oficial de justiça saíu correndo. Era procurador da Cámara o então capitão, depois sargento-mór, Romão José Batista, conhecidissimo em todo o Crato pelo apelido caseiro de Tio Romão, do qual se contavam dezenas de tolices ditas ou praticadas.

Uma feita, entrando em casa no escuro, advertiu-lhe uma das sobrinhas em voz alta que no corredor se achava uma gamela com agua quente e êle exclamou:

— Meu Deus, menina! quem sabe se já não me queimei!

De outra, tendo caído do cavalo, numa formatura, levantou-se a segurar a tibia entre as mãos. Alguem indagou com solicitude:

— Terá quebrado, capitão?

— Não. Acho que só fez envergar.

Comandando a guarda nacional, deu esta voz de comando no fim dum dos exercicios:

— Oficiais, meter bainhas nas espadas!

Os oficiais viraram as laminas de ponta para cima e enfiaram-lhes as bainhas como camisas. Mandou prendê-los por desacato.

Enquanto ia o oficial de justiça á procura dêsse curioso personagem, o réu ficou tristemente esperando ao pé da forca, a arfar e a gemer da quéda. Os soldados da escolta, cansados de estar em forma, resmungavam ansiosos por uma cachimbada ou uma caxacinha. O povo impacientava-se sob a soalheira, procurando a sombra acolhedora das árvores e dos oitões das casas.

Quando o meirinho encontrou o procurador e lhe transmitiu a ordem do juiz, Romão José Batista levantou-se da rêde em que cochilava de camisolão de ramagens e disse-lhe com a maior calma dêste mundo:

— Rapaz, diga lá ao seu juiz que não tenho corda nenhuma aqui em casa e que a Cámara Municipal não tem mais dinheiro para cordas. Tome lá, por muito favor, meia pataca do meu bôlso, vá por aí, compre uma corda e leve-a ao seu juiz.

O oficial de justiça procurou uma corda para comprar por toda a parte. Quem tinha negava para não contribuir para a morte do desgraçado. Depois de longa demora, voltou de mãos abanando ao local da execução. Perplexo com aquêle embaraço, o pobre juiz municipal mandou o escrivão consultar as luzes do meretissimo juiz de direito, que não foi encontrado.

Nessas idas e vindas passou-se o dia com o pobre réu esperando ao pé da forca. Afinal, como a noite se aproximasse, o magistrado resolveu suspender a execução e recolher o preso ao calabouço.

Quando fecharam a pesada grade e o sentenciado se viu sozinho depois de tão angustiado dia, tomou-o uma onda de desespero. Encarára a morte de perto, esperára por ela, e, o que era peor, subira ao patibulo, sentira no pescoço o laço fatal! Quando pensava tudo consumado e mergulhar no alivio da morte, tudo novamente ia se repetir: o oratorio, a confissão da agonia, o prestito, o dobre dos sinos, o pregão da sentença, o zumbir do poviléu curioso, a forca, o nó corredio, o contacto repugnante do algoz! Que horror! Faltava-lhe animo para esperar de novo longos dias pela repetição da mêsma cena tragica.

Começou a passear para lá e para cá, arrancando os cabelos. De súbito, com o olhar desvairado, exclamou:

— Vamos acabar com isso!

E, tomando a navalha com que se barbeava, passou-a no pescoço, caindo a esvair-se em sangue. A sentinela bradou ás armas e o car-

cereiro acorreu com a guarda formada. Prestaram-se logo todos os socorros possiveis ao ferido, com o maior desvelo, afim de salvar uma vida que a lei mandava tirar. Paradoxo!

A 18 de março de 1836, devidamente curado do talho que se dera na garganta, de novo o uxoricida João Martins percorreu as ruas do Crato de baraço ao pescoço até o alto do Barro Vermelho e subiu os degráus da forca de Pinto Madeira sob o lamento de bronze dos sinos no espaço ensolado.

Durante 47 infindaveis dias, o misero assassino vivera os atrozes tormentos da incerteza. Dias que valeram por séculos! Porque, enquanto jazia com a garganta cortada envolta em panos, as autoridades consultavam entre si se a execução devia ser mêsmo realizada. O juiz consultava o presidente da Provincia e êste consultava a Regencia.

João Martins foi o derradeiro infeliz pendurado da sinistra forca de Pinto Madeira com as suas vigas de cinco metros de altura.

São Fuisset!

— Sinhá, disse o negro Francisco com os grossos labios a tremer, o serviço está feito...

Dona Joaquina levantou-se da rêde em que se balançava no alpendre da casa e perguntou nervosamente:

— Chico, êle está morto mêsmo? Êle está morto mêsmo de verdade?

— Mortinho da Silva, sinhá!

— Como foi que fizeste o serviço?

O negro apontou o mato ressequido que se adensava numa grota próxima:

— Dei ao sinhô um favo de jandaíra que trouxe do serrote e, enquanto êle chupava o mel, meti-lhe a machadinha... Nem teve tempo de dar um ai... Agora, nós estamos sem tropeço...

O labio cessára de tremer. Acompanhára o que fôra dizendo com gestos. Mostrava as gengivas num riso de prazer. A mulher duvidou:

— Meu negro, você teve mêsmo essa coragem?...

— Pois não foi a sinhá quem mandou?

Ela insistiu:

— Só eu vendo com êstes olhos que a terra ha de comer! Só eu vendo!...

— Vamos vêr!

Ambos atravessaram rapidamente o vasto terreiro da fazenda sob o sol inclemente dum janeiro sem chuva. O chão parecia torrado. Dos pedregais negros e dos morros pelados desprendia-se um hálito de fornalha. Na mataria esquelética e empretecida, as raras copas virentes dos joazeiros eram como oasis de verdura. O escravo tentou mudar o curso de seus pensamentos:

— Até o dia de hoje nem um pinguinho de agua! O ano de 35 foi de sêca braba. O de 36, mal chuvido. Se êste de 37 não der inverno, acaba-se tudo!...

Ela continuou calada, perdida na imensidão duma só idéa. Alcançaram o grotão por uma vereda estreita, um atrás do outro. E deram com o cadaver do português José de Azevedo, vulgo José de Fama, marido de dona Joaquina, que toda a gente, menos êle, sabia viver de amores com o escravo Francisco. Estava de bôrco, com um grande golpe na nuca por onde lhe saíra o sangue que ensopára o chão. As varejeiras zumbiam-lhe em torno. O negro ficou um tanto afastado, de olhar baixo, as mãos ligeiramente trémulas, sem ánimo de fitar o defunto.

Perto, um gavião soltou seu estridente grito de ameaça e fome O escravo sobressaltou-se e começou a recuar. Já a mulher descia pela vereda, arrepanhando as saias, até o fundo do grotão. Apalpou o corpo e gritou:

— Chico, ainda está quente!

Respondeu-lhe um latido esganiçado, poder-se-ia dizer doloroso. Era o da Mimosa, a cachorrinha branca do José de Fama, que ficára fielmente ao pé do corpo de seu dono, meio oculta na garrancheira, guardando-o.

— Mata êste diabo! bradou dona Joaquina com raiva.

O negro parou de recuar, apanhou uma pedra e atirou-lh'a com força, mas errou o alvo. A cadela fugiu. Armou-se com um páu e perseguiu-a, perdendo-se por dentro do mato sêco. Voltou algum tempo depois, resfolegante, a botar o coração pela bôca:

— Bicha desgraçada! Está com o cão no couro! Meteu-se pela catinga que não houve geito de pegá-la! Foi-se para o diabo!

A mulher olhava-o desgrenhada, com um calháu sujo de sangue na mão. Disse-lhe, excitada:

— Meu negro, você é capaz de botar nosso amor a perder! O desgraçado ainda estava vivo. Eu bem que achei êle quente. Até se mexeu! Eu é que acabei de matá-lo! E você ainda deixou a maldita dessa cachorra ir embora!...

E, depois duma pausa em que tomou a respiração varias vezes:

— Agora, venha ao menos me ajudar a esconder o corpo.

O escravo obedeceu. Empurraram o cadaver para uma lóca de pedra, onde ficou estirado, cobrindo-o com lages e seixos, sobre os quais amontoaram muitos ramos quebrados e feixes de capim.

Francisco falou, desafogado, limpando o suor da testa na manga da camisa de algodão:

— Só o *cão* é capaz de descobrir.

— Só mêsmo o *cão tinhoso*.

Voltaram calados para casa.

Não pregaram ôlho nessa noite em que, afinal, podiam gosar de inteira liberdade. Cada qual dormiu na sua rêde, como se o cadaver do português os impedisse de dormir juntos. Os uivos pungentes e dilacerantes da Mimosa não cessaram um instante. Vinham lá do fundo da grota e rasgavam a noite negra como um apêlo e um protesto. Apesar da escuridão, o negro quis levantar-se duas ou tres

vezes para acabá-la ou escorraçá-la. Dona Joaquina desaconselhava-o:

— Não vale a pena. Se você não a matou de dia, como é que poderá matá-la de noite, escuro como breu? Tangê-la é o mêsmo que nada. Ela volta daí a pouco. Só passando a noite junto do defunto, mas para isso você não tem coragem...

Havia um travo de irritação disfarçada em ironia no seu modo de falar. O escravo tremia, álgido, encolhido no fundo da rêde. O uivo dolorido da cadelinha enchia a escuridão misteriosa, tomava-a toda, como que se confundia com ela. Era o unico ente que chorava o infeliz José de Fama; mas sabia chorá-lo.

Mal entrou pelas frestas das táboas de umburana da janela do quarto o primeiro lume da madrugada, ambos levantaram-se decididos a ir á grota. Abriram a porta da casa e olharam o terreiro. Viram na meia luz do dia nascente vultos a pé e a cavalo que se dirigiam para os lados do lugar onde o animalzinho fiel carpia desesperado a morte de seu dono. Eram pessôas que demandavam a cidade pela estrada próxima e que os uivos lancinantes da Mimosa desviavam de seu caminho, curiosas em averiguar por que assim se lamentava aquêle bicho.

Dona Joaquina compreendeu o perigo num relance e ordenou:

— Fuja, meu negro, enquanto é tempo, que eu tenho onde me esconder e quem me ampare!... Você estragou tudo deixando viva essa maldita cachorra!

O escravo saíu apavorado pelos fundos da habitação, agachou-se por trás das cêrcas de quebra-dêdo dum roçado abandonado e sumiu-se adeante, no carrascal sêco. Ela foi depressa ao cercado contiguo á casa, selou o magro cavalo do marido e rumou para a fazenda do poderoso senhor feudal Gonçalo Nunes Leitão, que lhe não negaria asilo e, com efeito, a acolheu e guardou até sua morte, muitos anos depois.

A Justiça pôs gente ao encalço do pobre preto, relativamente menos culpado do que a cruel adúltera, porem menos protegido, e pegou-o, depois de algumas correrias, num quilombo da serra do Machado. O júri da então vila de Quixerambim condenou-o á morte em março de 1837, em virtude da bárbara lei de 10 de Junho de 1835 que dispunha fôsse executado sem apêlo nem agravo o cativo que matasse seu senhor. A execução realizou-se no dia 30 do referido mês, com o ceremonial do costume: dobres de sinos, prestito pelas

ruas principais, juiz a cavalo e de luto, baraço e pregão.

Na véspera, o tenente-coronel Pedro Jaime de Alencar Araripe, juiz da execução, lembrou-se que faltava o elemento principal da mêsma: o carrasco. Quixeramobim ainda não era suficientemente importante para possuir um algoz oficial, nem no momento havia um só condenado na cadeia pública que se pudesse obrigar ao repugnante oficio. Lembrou-se, porem, que entre as grades da prisão se encontravam muitos infelizes matutos, conforme o bárbaro costume da época, recrutados por ordem do governo, afim de seguirem para a guerra civil no Rio Grande do Sul. Fez-lhes pessoalmente esta promessa:

— Áquêle que se encarregar de enforcar o negro Francisco ofereço imediata soltura, cinco mil reis em prata, uma galinha gorda e uma garrafa de vinho.

Deante de tais presentes, houve longa indecisão entre os reclusos. Vendo que ninguem se decidia, o juiz fez menção de retirar-se. Então, um cabôclo atarracado rompeu o silencio:

— Faço o serviço!

— Muito bem, amanhã á hora marcada, mandarei busca-lo, declarou o magistrado satisfeito.

Foi embora. Então, todos os recrutas exprobraram o gesto do improvisado verdugo Êle tapou-lhe a bôca com esta resposta sêca:

— Pouco se me dá da galinha, do vinho e do dinheiro. O que eu quero é a minha soltura por qualquer preço, porque tenho mãe velha, pobre e doente que ia ficar ao desamparo. O negro tem de morrer mêsmo. Se não fôr eu, será outro.

Levantaram a forca no alto do Rosario, a cavaleiro da vila. Todos os proprietarios de escravos da redondeza trouxeram seus negros para assistirem ao exemplo salutar. Havia povo como areia no rio. E o vigario interino Inácio Lobo, confessor da agonia, cantava em voz alta e fanhosa o salmo 50 de David:

.....Miserere mei, Deus, secundum magnam misericordiam tuam;
Et secundum multitudinem miserationem tuarum, dele iniquitatem meam.
Amplius lava me ab iniquitate mea, et a peccato meo munda me.
. . . . . .
Tunc acceptabis sacrificium justitiae, oblationes et holocausta.....

Quando o corpo do negro se balançou á ponta da corda, solto no espaço, João Antonio de Genova, apelidado João Bagatela, descendente de cristãos-novos e homem que em tudo achava aso para pilherias, pôs as mãos ao peito e exclamou com os olhos em alvo:

— *Fuisset!*

Aí o céu que repentinamente se turvára, apesar da absoluta falta de chuvas prolongada até o equinoxio, começou a lacrimejar. E logo, com o pavoroso estrondo de mil trovões e os ziguezagues malucos dos relampagos, desabou uma verdadeira torrente. A multidão debandou, assombrada. Aquêle inverno tardio e inesperado chegava como um milagre. Era talvez o anuncio de ter Deus perdoado o infeliz mandatario da terrivel dona Joaquina. O poviléu, pensando que os poderosos da Terra tinham eximido da justa punição a mulher culpada de adulterio e assassinio, enquanto era sacrificado sozinho seu cúmplice de tão humilde condição, inclinou-se a considerá-lo um mártir.

Durante longos anos acenderam-se velas, rezou-se e fizeram-se promessas em sua intenção. O mais curioso, porem, é que lhe esqueceram o nome trivial de Francisco, passando a chamá-lo tão somente pela exclamação escapa aos labios pilhericos do Bagatela.

Com mais um pouco, o misticismo sertanejo á cata de direção facilmente o transformaria em bem aventurado ou santo. E *São Fuisset* poderia desempenhar o mesmo papel dum Conselheiro, dum padre Cicero ou dum beato Lourenço....

Rapadura do enforcado

A molecada curiosa e sofrega rodeava o edificio da Camara Municipal de Fortaleza, louca para vêr o escravo que iam enforcar. Pelas esquinas, soldados e grupos de homens e mulheres. Os garotos corriam para lá e para cá. De repente, um dêles gritou:

— Olha êle!

E apontou uma das janelas gradeadas que davam para o lado do norte. Ali estivera preso, em 1834, o vigario da vila do Jardim, Antonio Manuel de Sousa, companheiro de rebelião de Joaquim Pinto Madeira, conhecido pela antonomasia de Padre-Benze-Cacête. Distinguia-se o vulto dum cafuz corpulento e moço por trás dos grossos varões de ferro encruzados. Os moleques amontoaram-se perto da janela.

— Olha êle!

— Olha o malvado!

O criminoso já se havia confessado com o padre Severino Duarte e com frei Antonio do Coração de Maria. Esperava calmamente que o viessem buscar, comendo uma rapadura.

— Olha êle!

— Olha o malvado!

Aborreceu-se com os gritos, zangou-se e atirou com força a rapadura na molecada, que debandou aos pinchos e berros.

A execução foi no dia seguinte, pela manhã cedo. O juiz, togado de preto, montava um cavalo negro com os arreios envoltos em crepe. Os soldados marchavam com passo nobre, lentos e cadenciados, os canos das granadeiras voltados para o chão. O carrasco Pareça segurava a ponta do baraço. O réu mostrava-se senhor de si, pisando com firmeza, de cabeça erguida. E o sino do Rosario dobrava tristemente a finados.

Entre renques de curiosos, o desfile se fez pela rua da Bôa-Vista, a Feira, a travessa das Hortas e a rua da Palma até o largo do Paiol da Pólvora, junto á fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, deante do mar, no topo da colina que os holandêses chamavam outróra Marajaik.

Enquanto o cadaver se balançava, pendurado á trave funesta, as quarenta praças

de Linha requisitadas pelo juiz municipal continham a grande afluencia de basbaques. O cirurgião Oliveira Portugal esperava que cortassem a corda para fazer a vistoria do corpo. O escrivão Manuel Lopes, sentado a uma mêsa de pés de garra, na casa de Manuel da Silva, á esquina do largo, lavrava a certidão de obito. Tinham-lhe trazido uma chicara de café. De vez em quando, limpava com um vasto lenço de Alcobaça o suor que lhe untava o rosto côr de tijolo ou conversava com as pessôas da familia sobre o crime, o processo, o réu e o justiçamento.

— O processo se iniciou em Sobral, no ano passado, 1839, — dizia, — mas veio terminar aqui. Êsse cabra desgraçado ajustou com um tal Miguel dos Anjos, que merecia antes o nome de Miguel dos Diabos, a morte de seu proprio senhor. Na verdade, não houve testemunha jurada que tivesse visto alguma cousa; mas a prova foi feita pelos indicios, e o réu e o co-réu confessaram. O Miguel tomou com vinte anos de Fernando de Noronha e êste com os tres páus.....

— Dizem que o escravo era homem de muita virilidade que soube morrer com coragem, falou o dono da casa.

— O que êle era era um grande malvado! obtemperou o escrivão. Imaginem que, ontem, quando estava no oratorio, deu com uns moleques que o bispavam da rua e atirou-lhes com a rapadura que comia para adoçar as últimas horas. Nem respeitou a presença dos confessores da agonia e soltou dois ou tres nomes feios contra os meninos.

— Na verdade? indagou Joaquim da Silva.

— Na verdade. Os moleques ficaram tão amedrontados que nem apanharam a rapadura, embora dôce para êles seja manteiga em focinho de cachorro... Ela ficou lá na areia se enchendo de formigas até que uma velha catimbózeira que mora para os lados da lagôa do Garrote a levou para qualquer feitiçaria... Dizem que para isso rapadura de enforcado vale ouro...

Um calafrio percorreu os presentes. Todos persignaram-se.

— Dão licença?

— Era o cirurgião Oliveira Portugal que entrava. Depôs o chapéu de massa sobre um consolo de jacarandá e, tomando da pena de pato, que servira ao escrivão para a lavratura da certidão de obito, assinou-a e disse com a maior naturalidade dêste mundo:

— O homem morreu logo. Serviço bem

feito. O Pareça está ficando habilitado no oficio de carrasco. Tem geito para a cousa...

Foi essa a unica oração fúnebre do escravo José, assassino de seu senhor por mandado de Miguel Pereira dos Anjos e que, na véspera, nem ao menos pudera comer em paz a sua última rapadura.

O tesouro do Brigue-escuna

O brigue-escuna viera aos pinotes pela crista das ondas, em arvore sêca e, carretilhára na arrebentação, para, afinal, se imobilizar encalhado, todo adernado a bombordo. O mar começou, então, a açoitar violentamente aquêle obstaculo. Batia-lhe com rumor surdo na carena ressoante e levantava alto uma espumarada branca, que o envolvia em rendas e se desfazia em poeira na teia do maçame. Um ou outro braço de vaga rompia os estais, arrancava as vergas ou levava lances da amurada. Era o começo da destruição.

Do navio perdido, saltaram dez negros e um homem branco, que alcançaram a praia do Arapassú, deserta, sob o sol que transmontava e povoada de maçaricos gritadores a mariscarem nas pôças deixadas pela maré. Depois de descançarem algum tempo na areia dourada, os negros levantaram-se. Um dêles,

alto e robusto, com pequeno baú debaixo do braço, falou:

— Hilario, você fez o rombo?

O interpelado respondeu, alargando os braços:

— Dêste tamanho!

— Onde?

— Na pôpa. Assim, o mar entra e acaba tudo.

Houve um silencio, enquanto todos examinavam as armas e o que haviam podido salvar. Depois, o do baú ordenou:

— Vamos embora, gente!

Galgaram vagarosamente as dunas quentes e claras, enterrando os pés na areia frouxa, que rangia e em que o vento ciciava, arrumando e desarrumando rugas simetricas. Caminharam com a mêsma lentidão fatigada pelos taboleiros levemente ondulados, cobertos de mangabeiras, murtas, guagirú e mapirungas, até alcançarem a margem dum córrego sêco, pelo leito do qual seguiram muito tempo, como se fôsse uma estrada.

Um dos pretos, com fios prateados na carapinha, ficava sempre para trás. Devia ser bastante velho, pois o povo diz que "negro, quando pinta, tres vezes trinta". Outro reclamou repetidamente contra a demora; mas sempre o velho ficava para trás, ao ponto de

algumas vezes o perderem de vista. Chegaram, enfim, a um alto ensombrado por um grande cajueiro de retorcida ramaria, que os moradores da redondeza chamavam o Cajueiro do Minisrto e cuja cópa frondosa se avistava de muito longe na planura verdejante. Ali pararm e o negro que reclamára os atrasos do velho dirigiu-se ao que trazia o baú:

— João Mina!

— Que é, Bento?

— O Antonio faz tudo para ir ficando sempre atrasado. Diz que é cansaço da velhice. E' lá o que! O negro é sestreiro. Lembre-se que era o cozinheiro e o amigo do capitão. O que êle quer sei eu, é ir ficando para trás, afim de ganhar o mato e nos denunciar...

Pintou-se a desconfiança no olhar de João Mina. Mordeu os beiços grossos e arroxeados.

— Homem, é bem capaz de ser mêsmo, respondeu.

Os pretos estavam espalhados em grupos á sombra fresca do cajueiro. Uns faziam fogo e arranjavam uma trempe de pedras para cozinhar qualquer comida. O vento do oceano rumorejava nas frondes altas. João Mina chamou outro negro:

— Constantino, vem cá!

Os dois conversaram em voz baixa.

Depois, Constantino apoximou-se do velho, sacou rapidamente uma pistola de pederneira do cinto e meteu-lhe uma bala no peito. Como a vitima caisse escabujando, deitou-se a ela e ferozmente a coseu a facadas.

Todos acorreram espantados e João Mina explicou:

— Tivemos de matar o Antonio Cozinheiro, porque êle queria fugir para nos ir denunciar. Quem fizer o mêsmo morre!

— Morre! repetiram Hilario, Bento e Constantino.

O homem branco encostára-se, livido como cêra, ao tronco do cajueiro. E João Mina determinou:

— Enterrem êsse diabo!

Todos cavaram um buraco na areia sôlta do taboleiro. Quando o puseram no fundo da cova, ainda se mexia.

— Está meio vivo! exclamou Bento.

— Enterra-se assim mêsmo, falou Constantino.

Amontoaram terra sobre o infeliz. Depois, comeram o que havia preparado. A tarde caía. O rumor do mar aumentava, com o encher da maré, para os lados da barra do Pacoti.

— Vamos dormir aqui mêsmo? indagou Constantino.

— E' melhor. A gente está cansada, redarguiu João Mina.

Mal o sol se pôs, a noite estendeu rapidamente seu manto escuro sobre todas as cousas. O céu polvilhou-se de estrelas. O silencio do taboleiro povoou-se de risinhos de caborés e de silvos de insétos. Das bandas do rio vinha o foi-não-foi dos sapos. Os negros adormeceram, enrodilhados no chão macio. Somente tres ficaram velando, acendendo os cachimbos nas derradeiras brasas da trempe: João Mina, Hilario e Constantino. O homem branco dormia a sono sôlto.

Mais tarde, os tres afastaram-se do bando e fôram enterrar cuidadosamente o baú junto a uns pedrouços proximos, entremeados de barbatimão. Depois, tambem adormeceram.

Pela manhã, ao se pôrem novamente a caminho, verificaram que o branco desaparecera. Ficaram quietos. Houve recriminações. Teria sido melhor matá-lo e enterrá-lo com o preto velho.

— Parecia tão amigo da gente! comentou Bento.

Andaram pelo taboleiro em fila indiana, seguindo as veredas labirinticas que o cru-

zavam e recruzavam, rumo ao sul, até que alcançaram a estrada real entre Aquiraz e Cascavel. Na tarde de 13 de junho de 1839, fôram nela cercados e presos por um destacamento de guardas nacionais mandados em seu encalço pelo juiz de paz do Aquiraz, em cuja cadeia os trancafiaram.

O homem branco era o português de Almada, Bernardo José Antonio da Silva, que chegára á vila, todo esbaforido, alta madrugada, levando ao conhecimento da autoridade as cousas horriveis que se haviam passado a bordo do brigue-escuna encalhado na praia de Arapassú.

O brigue-escuna era o "Laura II" matriculado no porto de São Luiz do Maranhão, de propriedade de seu capitão, o português Francisco Ferreira da Silva, sócio de seus irmãos Luiz e José, cada um dos quais possuía seu barco de comercio: "Laura I", "Laura II" e "Laura III", tripulados por escravos pertencentes á sociedade.

Na noite de 10 de junho, o "Laura II" velejava para Pernambuco, quando na altura da costa cearense a tripulação negra se revoltára. Os escravos Hilario, Benedito, Bento, Antonio, Constatino, Luiz Cabo Verde, Luiz Aracati, João e José Mina espalharam-se armados pelo navio adormecido. O

capitão acordou e defendeu-se como um bravo. Recuando até a roda do leme levou quatorze facadas. Foi quando o negro Bento, receando aproximar-se do leão ferido, gritou para os outros:

— Dêem-me uma fisga!

Aí o português viu-se perdido e lançou-se ao mar, preferindo ser tragado pelo oceano a perecer ás mãos daquela súcia furiosa.

O pratico aracatiense Filipe foi morto dormindo, a cacete. O contra-mestre português Joaquim Gonçalves da Silva, que ressonava de papo para o ar, enfiaram um espeque no peito. Mataram mais dois marinheiros brancos que dormiam e o passageiro Feliciano Prates, ex-pagador das tropas da Pará, que viajava para o Rio de Janeiro. O resto da tripulação aderiu aos revoltosos e foi poupado. Com êle o marinheiro Bernardo, que denunciára o crime. Encalharam e arrombaram o barco, roubando joias e dinheiro.

A justiça do Aquiraz encontrou em seu poder somente alguns aneis e um conto e oitocentos mil reis em papel moeda, cédulas gerais como se dizia no tempo. Corria, porem, que, tanto o capitão do brigue como o passageiro, levavam consigo muitos valores, sobretudo moedas de ouro. Os negros in-

queridos e reinqueridos, negaram sempre a existencia dêsse tesouro.

Fez-se uma vistoria no brigue. Havia beliches e gaiutas manchados de sangue. No porão, sacas de arroz e barris de manteiga. Antes da justiça, muita gente fôra até aquela praia fazer uma vistoria por sua conta, pilhando os salvados. O processo, instaurado no Aquiraz, terminou em Fortaleza com a condenação á morte natural na forca de seis dos dez escravos desembarcados na praia do Arapassú: João Mina, Hilario, Benedito, Bento, Constantino e Antonio. Luiz Cabo Verde foi condenado a galés perpetuas em Fernando de Noronha; Luiz Aracati, a 450 açoites e a andar, durante seis anos, "com uma argola de ferro no pescoço, e nesta uma haste com uma cruz na extremidade". José Mina foi absolvido.

Antes de desembarcarem aquêles dez do brigue encalhado, outros conseguiram alcançar a costa num escaler, sendo presos pelas autoridades do Cascavel: os marujos brancos Jovito e Agostinho, os negros Manuel e Amasio, e os moleques Elias e Filipe, que não participaram dos crimes da tragica noite em alto mar e só aderiram aos vencedores para salvar suas vidas.

A execução dos pobres negros revoltados, marcada para 19 de outubro, somente se realizou a 28, no largo do Paiol da Pólvora, onde hoje se acha o Passeio Público de Fortaleza. Dêsde as seis horas da manhã, requisitada pelo juiz municipal interino, Francisco Fidelis Barroso, a tropa cercava o horrendo patibulo. Num lado, 50 praças do 1.º batalhão da Legião da Guarda Nacional; do outro, uma companhia de 1.ª Linha; e, fechando o quadrado, o Corpo Policial e a Companhia Destacada.

Ás sete horas, os réus sairam do quartel precedidos pelo porteiro dos auditorios que apregoava a sentença. Vestiam camisas e ceroulas de ganga amarela. Traziam algemas. Ladeavam-nos os confessores da agonia. O carrasco Pareça começou a enforcá-los um a um ás oito horas e só ás dez terminou sua fúnebre tarefa.

O primeiro a subir a escada, João Mina, acovardou-se de maneira horrivel. Chorava copiosamente. Depois, exicitado, começou a amaldiçoar em altas vozes a sua sorte. Acabou ajoelhando-se e pedindo socorro ao juiz e á propria multidão.

— Não me deixem matar, pelo amor de Deus!... Não me deixem matar, minha gente!... Tenham pena de mim!... Eu não quero morrer!... Não quero! Não que-

ro!... gritava como um possesso, com os olhos esbogalhados de pavor.

Ao pé do cadafalso, Hilario olhava-o calmamente, comendo devagar uma fatia de pão de ló e bebendo um copo de vinho. Era sinistra aquela calma, enquanto o carrasco lutava para obrigar João Mina a subir a escada e mais ainda para desentrançar-lhe as pernas dos degráus. Teve de machucar-lhe um dos pés para poder lançá-lo ao espaço.

Hilario impacientou-se por fim e bradou:

— Morre, negro, como homem e não dá êsse gosto aos brancos!

Era a sua vez. Subiu a escada de cabeça erguida, triunfalmente, e êle proprio se atirou no ar. Fê-lo com tamanha força que a corda se partiu e bateu de cheio no chão. Levantou-se num ápice e tornou a subir os degráus com a mêsma impavidez. Negro valente! devia murmurar a multidão admirada, com vontade de aplaudi-lo...

Benedito foi enforcado em terceiro lugar e Antonio, em quarto. O quinto, Constantino, dêsde a prisão se mostrava compungido e resignado. Nem palavra. Dia e noite rezando. Dera tais mostras de arrependimento e contrição que os confessores assoalhavam seu espanto. O povo dizia que salvára

sua alma. Em sexto lugar morreu Bento com a mêsma ferocidade com que quisera fisgar o capitão ferido e acusára o velho cozinheiro.

E o tesouro do tragico brigue-escuna? Teria ficado para sempre enterrado na areia dos taboleiros do Cajueiro do Ministro?

Correu sempre em Fortaleza o rumor de que houve quem dêle se tivesse aproveitado ás escondidas, vivendo toda a sua vida do dinheiro tomado ás vitimas daquela noite fatal em alto mar, guardando no fundo do coração até o túmulo êsse terrivel segredo. Diziam que, enquanto os escravos criminosos respondiam a processo, certo solicitador do fôro a miude os frequentava, prestando-lhes pequenos obsequios e adoçando-lhes a prisão, de modo a conquistar sua inteira confiança. Muitas vezes, asseguravam os contemporaneos, fôra visto a cochichar a um canto com João Mina, Constantino e Hilario. Sobretudo com o primeiro. Afirmavam ainda que lhes havia prometido até a comutação da pena, convencendo-os de que seria questão de dinheiro. O adiamento da execução fôra por êle habilmente explorado e, assim, lhes arrancára o segredo do lugar onde tinham enterrado o baú cheio de ouro, segredo que calaram á justiça, apesar de todos

os rigorosos interrogatorios a que fôram submetidos.

O certo é que, após o enforcamento dos infelizes pretos, o tal solicitador fez uma viagem a Cascavel sob o pretexto de visitar parentes, e na volta, deixou o emprego e nunca mais trabalhou, passando a viver de emprestar dinheiro a juros e adquirindo propriedades. Por isso, o povo apelidou-o o Milagroso. Morreu de velho, na sua cama e na sua casa, rodeado de filhos e netos, cercado de carinhos e consideração. Os jornais publicaram sentidos necrologios de tão prestante cidadão. O presidente da Provincia fez-se representar no enterro. O juiz municipal e o chefe de policia compareceram pessoalmente. Na missa de setimo dia, os amigos da familia encheram a igreja.

As ossadas dos negros justiçados já se tinham desfeito em pó no fundo da vala comum e sobre o antigo cemiterio onde fôra cavada erguia-se agora, com suas duas torres brancas, a matriz da capital...

Amor de negro

Na noite calma e enluarada, dois vultos deslisavam por trás das arvores do quintal de dona Eufrasia, na velha cidade do Aracati. Dois vultos cautelosos. Um, de mulher, levando o outro, de homem, pela mão. E ciciavam:

— Você tem certeza mêsmo, Iria?

— Ora, se tenho! Estou cansada de vêr com êstes olhos que a terra tem de comer cansadinha de vêr...

— Pois eu, ainda vendo, duvido...

— Vai vêr agorinha mêsmo com seus olhos que nem eu nem Luiz somos capazes de levantar um falso testemunho dêsse tamanho... Credo! Somos lá o que!

Nisto, outro vulto lentamente se moveu, meio oculto por umas touceiras de bananeiras, rente á cerca do fundo do quintal, que

dava para uma varzea, onde gemiam carnaubeiras.

— O miseravel já pulou a cerca! murmurou, rangendo os dentes de raiva, o homem que acompanhava Iria.

E, de súbito, largando-lhe a mão, deitou a correr para o terceiro vulto, erguendo ameaçadoramente o cacete com que se armára. O outro não fugiu. Esperou-o a pé, firme, descascando uma comprida faca. Esquivou-se agilmente ás cacetadas, mas uma delas lhe acertou no meio da cabeça, abrindo-lhe uma brecha. Soltou um uivo de dôr e, com um salto felino, cravou a faca no peito do agressor. Êste cambaleou com os braços pendidos, sem defesa. Deu-lhe mais golpes no torax e no abdómen. Caíu por fim, pesadamente. Foi quando a mulher se aproximou e falou:

— Anda, Luiz, espeta êste diabo! Não o deixes com vida! Anda!

Varias vezes mais a faca se embebeu nas carnes da vitima. O sangue ensopou o chão.

A mulher e o assassino afastaram-se cautelosamente. Ao luar, quando sairam das sombras das arvores frutiferas do quintal e ganharam um terreiro limpo, mais adeante, via-se que eram negros retintos. Iam abraçados, como dois amantes que passeiam, enquanto a poucos metros dali os porcos começavam a grunhir e fuçar o chão empapado de sangue em volta do cadaver.

O barulho dos porcos acordou a vizinhança, alta madrugada. Reunidos em bando, com o apetite excitado pelo sangue fresco, atacaram o corpo e travaram luta uns com os outros. Duas ou tres pessôas fôram afugentá-los para poderem dormir em paz e acharam o morto.

Era êste o professor primario Tomás Pinto, conhecido pela antonomásia de Baluarte, homem alto, forte, de genio violento, que estava para casar com a dona da casa em cujo quintal aparecia palitado com quatorze facadas. A rica viuva dona Joaquina Eufrasia de Almeida, vendo seu noivo naquêle estado, botou a bôca no mundo. Seu desespero era de fazer dó.

Quem o teria morto? Quem o teria atraido áquela emboscada justamente no quintal de sua noiva? A quem aproveitaria o crime? A policia começou suas indagações e logo desconfiou dum dos escravos da casa, o de nome Luiz, que não explicava direito a brecha que apresentava na cabeça, vestigio duma luta recente e que combinava com o cacete manchado de sangue, encontrado ao

pé do corpo. Interrogaram o negro de todos os modos. Negava. Meteram-lhe a peia. Confessou tudo.

Fôra o seu amor pela escrava Iria que o conduzira ao crime. Havia muito tempo vivia amasiado com ela, que tomava conta da casa de dona Eufrasia e lhe facilitava a vida, livrando-o de serviços pesados e preparando-lhe quitutes. De repente, tudo isso estava ameaçado de ir por aguas abaixo. A viuva metera-se de namoro com o professor Baluarte, que andava a espalhar por toda a parte que, mal se apanhasse casado, acabaria com a vagabundagem — como dizia — dos negros da viuva, separando os amancebados e obrigando os malandros a trabalhar no duro. Negro, com êle, afirmava, era no rêlho, no nó da peia, no bacalháu, e repetia a trova famosa dos cantadores do sertão:

Xique-xique é páu de espinho,
Umburana é páu de abeia,
Gravata de boi é canga,
Paletó de negro é peia!

Toda a escravaria da viuva ficou alvoraçada. Os dois amantes, então, se apavoraram. Ferveu-lhes o odio no fundo do coração. Iria dominava Luiz e convenceu-o da

necessidade de liquidar o intruso. Combinaram um plano. No dia em que a viuva o mandou levar ao noivo um presente de frutas, Luiz fez-se muito risonho e puxou conversa com êle. Palavra vai, palavra vem, deixou cravado no coração do professor o espinho do ciume:

— E', a sinhá gosta muito de mandar presentes... Ainda o outro dia levei um prato de cangica para um moço bem bonito. Estava cheirando como que e tinha até o nome dêle escrito com canela...

— Que nome era?

— Eu não sei lêr, não senhor; mas acho que a Iria sabe o nome do moço. Pergunte a ela.

O Baluarte foi perguntar á Iria, que lhe aguçou mais ainda a curiosidade ciumenta com sua recusa em falar. Êle levou muitos dias atormentado-a. Deu-lhe mêsmo dinheiro. Até que a negra soltou:

— O nome não me lembro mais. O que sei é que, depois que o senhor vai embora, ás oito horas da noite, êle salta a cerca do fundo do quintal e passa a noite com a dona Eufrasia...

— E' mentira, sua negra do diabo!

— Se duvida, venha vêr com seus olhos amanhã junto comigo.

Tomás Pinto veio e encontrou a morte na ponta da faca do escravo.

O processo e o julgamento do crime se fizeram no Aracati, mas confirmou a sentença o júri de Fortaleza, para onde os dois cúmplices fôram transferidos com algemas e gargalheiras. A escrava Iria foi condenada a prisão perpetua com trabalhos, isto é, a uma escravidão mais rigorosa. O escravo Luiz foi condenado á morte natural na forca. Corria o ano de 1837. O réu suplicou a graça do Poder Moderador, que lhe foi naturalmente negada pela Regencia deante desta informação do presidente da Provincia: "não sou de opinião que se comute a pena imposta ao réu, e antes me parece dever ser ela executada, para com o exemplo do mêsmo fazer-se abater a furia dos malvados que, sem respeito á lei, á realigião e á humanidade, com facilidade privam da vida os cidadãos pacificos, como todos os dias se está vendo".

As delongas do processo e de seus recursos legais fizeram com que o réu somente fôsse executado em fevereiro de 1840. A execução demorou tanto que êle não acreditava mais nela, nem mêsmo ao pé da forca, deante do horrendo aparato do suplicio. Comia bem. Dormia como um justo. Quando

lhe falavam da morte, punha-se a rir e a dizer:

— Tudo isso é tatú para me fazer medo!...

Achava-se na cadeia de Fortaleza quando veio da Côrte a ordem da execução, que se devia realizar, de acordo com a lei, no local do crime, para escarmento dos povos. Levaram-no algemado para o Aracati, escoltado por trinta praças de policia comandadas pelo alferes Joaquim do Carmo Ferreira Chaves, cunhado do morto. Ia tambem o carrasco oficial da capital, o celebre Pareça. A cidade do Aracati não tinha meios para se dar ao luxo dum verdugo privado.

Na véspera de morrer, o negro Luiz dormiu a sono sôlto. Pela madrugada, o alferes acordou-o e perguntou-lhe:

— Como pudeste dormir tão tranquilamente? Não sabes que vais morrer?

Deu de ombros, desdenhosamente. Com o mêsmo desdem caminhou para o suplicio. Era no dia 25 de maio de 1840. Saíu do oratorio acompanhado pelo vigario Galvão e pelo padre Sampaio. Os sinos dobraram a finados nas torres das igrejas centenarias. O povo fervilhava dêsde a cadeia até a Cruz das Almas, onde estava o pelourinho e se erguia a forca. Luiz ia de alva, com anjinhos

e correntes, pisando com firmeza, sorrindo aos conhecidos.

Ao subir a escada do patibulo, fez um gesto e, no silencio estupefacto que o rodeou, disse alto, sem um tremor na voz:

— Eu sou o unico culpado na morte do Tomás Pinto! A Iria é inocente!...

No limiar da eternidade, o escravo assassino inocentava a negra por amor de quem se tornára criminoso. Quem sabe se não afrontava a morte com tamanha coragem porque não lhe era mais possivel a vida sem ela?... Não matára para não perdê-la?...

A morte do doutor Rego

Havia muito tempo já que a então pequenina cidade de Sobral, crismada em Januaria por bajulação a uma das irmãs do imperador, dormia envolta no luar de maio, quando Joaquim Francisco do Rego, vindo dum serão em companhia de amigos, meteu a pesada chave de ferro na fechadura de broca da porta de sua casa. Seriam mais ou menos dez horas, alta noite para o tempo e o lugar. Algumas nuvens escuras toldavam o rosto melancolico da lua. Pareceu-lhe ouvir passos ás suas costas. Voltou-se com receio, trémulo, porque era homem nervoso e cheio de superstições. Pela manhã, escrevera numa fôlha de sua carteira estas notas: "Ante-ontem, um bando de urubús pousou no tecto de minha casa! Ontem, pela manhã, entrou-me pela casa uma pomba com um vôo estridente demais! A' noite, um besouro voou repetidas vezes em volta de minha ca-

beça com um zumbido incomodativo! Que será isto?"

Com efeito, a morte o andava rondando.

O coração batia-lhe apressadamente no peito ao lembrar-se dêsses e doutros pressagios. Perquiriu rapidamente a rua linheira e ainda pouco construida. Nisto, um vulto escuro, saindo dum terreno baldio coberto de carrapateiras, correu para êle e, sem lhe dar tempo de recuar ou defender-se, bateu-lhe com força no abdomen. Cambaleou com a pancada e, levando as mãos áquela parte do corpo, retirou-as ensopadas em sangue. Uma grande dôr começou a dilacerar-lhe as entranhas. Com um gemido surdo, emborcou no chão, estorcendo-se, a murmurar:

— Os urubús,... a pomba... o besouro...

Adeante, o assassino fugia agachado, rente à sombra das casas, das moitas ou das árvores. Êle havia reconhecido o miseravel. tanto quanto a dôr lhe permitia, pôs-se a gritar:

— Aqui d'El Rei, que morro!... Socorro, que me matam!...

Abriram-se algumas janelas. Aqui e ali, brilharam luzes. Apareceram alguns vizinhos que o encontraram arquejando, exausto. Mal teve forças para dizer:

— Foi o meu escravo Sebastião quem me matou...

Depois, imobilizou-se no sono eterno. Sob a carrancuda direção do juiz de paz Miguel Francisco do Monte, o cirurgião aprovado João Felix Ferreira Lobo fez no cadaver a vistoria pericial, que o escrivão Policarpo Ferreira de Souza autuou com sua rasgada letra cursiva. A facada, vibrada de modo certeiro, perfurára o estomago.

Joaquim Francisco do Rego, homem branco, casado e estabelecido com loja de fazendas á rua do Rosario, era natural de Pernambuco e cursára em Olinda a Academia de Direito até o terceiro ano Por isso, o apelido *doutor* que todos lhe davam. Muito benquisto pelo seu caráter e pelo seu bom coração, não tinha um inimigo. Ninguem poderia pressagiar-lhe, pois, tão triste fim.

Outro pernambucano residente em Sobral, seu amigo intimo, o major Manuel Francisco de Morais, acudiu pressuroso á viuva em lagrimas e esporeou a justiça para que se pusesse sem maior tardança no encalço do indigitado criminoso. Determinaram-se, assim imediatamente, as necessarias diligencias para a captura do desalmado.

O juiz mandou chamar dois famosos capitães de mato da localidade, Luciano e Sabino. O amigo do defunto fez com que os secundasse o celebre rastejador Chico Sapateiro. Bem armados, os tres homens ganharam o mato. Quatro dias após o crime, a 6 de maio de 1841, trouxeram, bem ajoujado, o negro, que fôram achar escondido na lagôa das Pedras, perto do riacho das Itans.

No sumario, o réu tudo confessou: roubára um pouco de aguardente do amo e, com medo do castigo, quando descoberto, resolvera eliminá-lo. Estava ainda bastante embriagado quando o esfaqueára.

O terror dos castigos a que se viam os miseros escravos submetidos era tal que os levava muitas vezes ao homicidio.

O juiz sumariante achou que o criminoso devia ser incurso no gráu máximo da pena, capitulada no artigo 192 do antigo Codigo Criminal. E o juiz de direito proferiu a seguinte sentença:

"Em virtude da decisão retro, condeno á morte o escravo Sebastião por haver morto seu senhor, como se vê dos autos. E, depois de preenchidas as formalidades legais, o Escrivão remeta ao juizo competente êstes autos para a execução desta sentença, pagas as custas pelos bens do finado senhor. Cidade

Januaria, 19 de maio de 1841. *João Fernandes Barros*".

Na singeleza destas linhas que, do pé para a mão, decidiam do enforcamento do infeliz preto, o magistrado não esquecia seu mesquinho e imediato interesse privado: as custas. Que as pagasse o espólio, gordo ou magro, do morto, pois o que matára e ia morrer, propriedade legal dêsse, somente possuia a vida que a justiça lhe ia tirar... Justiça humana cega e de balança sempre empunhada como um mercador de feira! *Pagas as custas pelos bens do finado!...*

Recolhido ao oratorio no dia 15 de junho, no dia 18 o assassino saíu da cadeia rumo á forca, que se erguia em um terreno aberto, para o qual davam alguns fundos de quintal. Doze guardas nacionais mal fardados o escoltavam de baionetas caladas. Como sempre, o juiz e o escrivão a cavalo. O negro Sebastião caminhava impávido, de cabeça alevantada. Era negro, de pernas finas, rosto boçal, beiçarra grossa e caída. Segurando a corda fatal um condenado a galés perpetuas, Lourenço Nogueira Campos, verdugo forçado, que chorava sem parar, convulsamente. Dos instrumentos da bárbara justiça da época era o unico que tinha coração. Um carrasco que chorava! O conde-

nado não derramava uma lágrima. Caminhava para morte com o maior desprezo.

Ao pé do patibulo, o carrasco soluçante afastou-se, escondendo o rosto nas mãos. Nem ao menos tinha coragem para encarar os páus do suplicio. Antes que o juiz pudesse tomar qualquer providencia, o escravo Sebastião, a vitima, resolveu tudo. Subiu os degráus da escada sozinho e sozinho amarrou a corda á trave, enquanto o padre Fialho rezava o Credo em voz baixa e trémula.

Então, o réu sorriu, meteu a cabeça no laço e atirou-se no ar. Fazia justiça a si proprio. Levou algum tempo estorcendo-se até consumar-se a asfixia. O carrasco voltou á cadeia sem nada ter feito, entre os guardas nacionais cabisbaixos, sem parar de soluçar.

Quando se teve de enterrar o corpo do supliciado, houve uma alma perversa que impugnou sua inhumação no cemiterio, opinando que não fôra executado, mas se suicidára. A caridade da Igreja, porem, foi surda a essa mesquinhez e deu-lhe os sete palmos de cova no sagrado.

As contas da execução do assassino do doutor Rego orçaram em 9$840, que o juiz municipal cobrou em oficio ao brigadeiro José Joaquim Coelho, presidente da Provincia, e que a coletoria de Sobral somente pagou dois mêses depois. Foi quanto custou ao erario a morte do *doutor* Rego. E' muito de admirar que essa despesa, como a das custas, não tenha saído da herança da pobre viuva .

A escrava Bonifacia

Quando o Joaquim Carapina se apeou á porta de casa, no sitio Mongubeira, alem de Arronches, a escrava Bonifacia, que era pessôa de sua inteira confiança, veio para êle em pranto:

— Meu senhor, disse por entre lágrimas e soluços, seu Toinho morreu de mordedura de cobra!...

O homem empalideceu e entrou apressado na habitação, atirando-lhe esta pergunta:

— Onde está êle?

— Lá dentro, na camarinha.

Era uma alcôva escura, com um bafio de môfo, onde mal se distinguia a rêde do morto em diagonal.

— Toinho! Toinho! chamou o pai, aproximando-se.

Silencio. O homem apalpou devagarinho o corpo gelado.

— Está morto mêsmo! Pobre do meu

filhinho! exclamou e desatou a soluçar convulsivamente.

De pé, encostada ao umbral da porta, a escrava soluçava tanto quanto êle.

O filho do português Joaquim Marques Vairão, mais conhecido por Joaquim Carpina ou Carapina, devido ao seu oficio de carpinteiro, ainda não completára quatorze anos. Estudioso e dócil, era a grande esperança do pai e fazia-se amar por toda a gente. Vinha sempre passar as férias ao sitio, ora com o progenitor, ora sozinho. A escrava Bonifacia, que tomava conta da casa, gostava muito dêle.

Dépois de algum tempo, o português conseguiu dominar o chôro e ordenou:

— Traga uma vela.

A' luz trémula e escassa do pavio embebido em cêra de carnaúba, contemplou longamente as feições do morto. Olhando o rosto livido e chupado, imobilizado numa expressão de dôr, o pai notou algumas manchas escuras nas faces e no pescoço.

— Que foi isso? indagou.

Bonifacia respondeu serenamente:

— No dia em que foi mordido, seu Toinho tinha levado uns coices de cavalo, quando metia os animais no cercado. Foi na volta para casa que a cobra picou o finado.

Chegavam os moradores do sitio e alguns vizinhos da redondeza do Siqueira, meio caminho entre Arronches e Maranguape. O corpo foi levado para o cupiá, onde o puseram sobre uma mesa, com velas em torno. Então, a cabôcla Ana chamou o carpinteiro Vairão de parte e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Que Deus me perdôe, mas sou capaz de jurar que a Bonifacia matou o seu menino!... A merdedura de cobra é mentira...

Semi aturdido pela dôr, o pai ainda mais tonto ficou com aquela revelação inesperada, á queima-roupa. Todavia, perguntou:

— Mas por que haveria ela de matar o meu filhinho?

— Para que êle não lhe contasse as artes e estrepolias que fazia aqui no sitio.

— Que artes?

— Vosmincê ignora que ela vive amancebada com o mulato Damião, que os dois vendiam de quando em vez uma terça de farinha e furtavam suas cabras. Seu Toinho desta vez descobriu tudo e ameaçou de contar. A Bonifacia ficou muito irada, passou-lhe uma grande descompostura, agarrou-o pelo pescoço, deu-lhe uns safanões e, por fim, uma coça. O menino adoeceu da surra.

Levou uma porção de dias gemendo que fazia dó. Uma tarde, quando vim buscar agua aqui, êle ouviu minha voz e me chamou. Fui lá dentro e o coitadinho me pediu por tudo para passar a noite com êle, porque tinha muito medo de ficar sozinho com a Bonifacia. Fiquei e êle dormiu socegado; mas, de madrugada, a malvada me mandou buscar um tição na cozinha e, quando voltei, o inocente tinha falecido. O corpo ainda estava quente... Não quero a salvação de minha alma, se não foi ela quem o matou!...

Desvairado, o Joaquim Carapina pôs-se a gritar a todos os trabalhadores:

— Segurem a Bonifacia!... Amarrem essa assassina!...

A escrava, porem, já tinha fugido. Mandou, então, selar um cavalo e galopou para a cidade do Maranguape, em busca de Justiça.

O cirurgião militar Machado examinou o cadaver por fóra e declarou que as manchas do rosto acusavam contusões e que as nódoas do pescoço eram de unhadas, sendo certo que a morte se dera "por asfixia proveniente de compressão". Não se fez autopsia. Ouviram-se quatro testemunhas. A primeira vira o menino, porem não dera fé das manchas devido á obscuridade da camarinha. A vitima contára-lhe ter levado os coices e ter sido mordida pela cobra. A segunda, Bonifacia mandára pedir fôsse á Fortaleza avisar ao sr. Vairão que o filho se achava muito mal dos coices apanhados e da picada da serpente; depois, declarára não mais precisar dêsse serviço por ter enviado o recado por outro portador. Quando essa testemunha estivera no sitio, a cabôcla Ana fazia companhia á escrava. Ouvindo a voz do declarante, o menino perguntára lá de dentro: — E' você, Manuel? A terceira testemunha foi a propria Ana, que repetiu tudo o que dissera ao carpiteiro. E a quarta já vira o menino morto, tendo somente ajudado a lavar e vestir o corpo. A escrava declarára-lhe que a morte fôra causada por mordedura de cobra e lhe mostrára num dos pés do defunto duas picadas, que mais lhe pareceram feitas com alfinete do que com as presas duma jararaca.

A acusada foi presa vagando pela estrada do Maranguape e submetida a um unico interrogatorio, êsse mêsmo em presença do júri. Respondeu calmamente que não surrára nem matára o menino, que êle morrera naturalmente, em consequencia dos coices e da picada, que passára muitos dias doente e que ela avisára em tempo ao pai. Mas

nada. Não houve quem lhe arrancasse a confissão do crime.

O tribunal popular não quis, porem, saber se o processo tinha gravissimas falhas, se a parte principal era incompleta, se as testemunhas eram insuficientes, se seus depoimentos se mostravam parciais ou hesitantes, se o exame cadaverico primava pela imperfeição e se a ré negava o crime. Era no ano da Graça de 1840 e tratava-se duma misera escrava. Foi condenada á morte.

Presa na Cadeia Pública da Fortaleza, a infeliz esperou resignadamente o desfecho de seu triste destino. Uma noite, estando deitada numa esteira rente ao muro do calabouço, pensava em sua desditosa vida, quando ouviu para lá e para cá os passos da sentinela que rondava aquêle lado do presidio, por fóra. Depois os passos pararam. O soldado como que se sentou sobre qualquer cousa, bocejou e, em pouco, ressonou. Uma luz iluminou o seu espirito. Pensou:

— Esta parede deve ser muito fina para eu poder ouvir isso tudo!

Arrancou da caliça um prego que servia para pendurar roupa e se pôs a descascar o rebôco Em poucos minutos descobriu os tijolos. Escutou. Somente o ressonar alto do soldado cortava o silencio da noite. Atacou

os intersticios betados de argamassa e, em menos de meia hora, abria um buraco pelo qual podia passar a cabeça.

Tranquilidade. Luar. O ar iodado do oceano acariciou-lhe levemente o rosto. Na noite clara, boiavam os perfumes sutís da natureza. Os oitões caiados das casas esparsas da rua Amelia pareciam de prata. O aliseo brando agitava devagar a escura folhagem ds ateiras. Sentada na guarita do canto da Cadeia, com as pernas estiradas para fóra, a sentinela dormia, ressonando, como um justo. Bonifacia tirou mais alguns tijolos e conseguiu sair da prisão. Espreguiçou-se com a volúpia da liberdade conquistada. Junto ao soldado, escostada á parede, a espingarda reiuna de pederneira e bandoleira de couro branco. A escrava tomou-a. Não fôsse o miliciano acordar e dar-lhe um tiro!... Agachando-se á sombra das ateias, fugiu na direção do cemiterio de São Casemiro.

No dia seguinte, a noticia alvoroçou toda a cidade. O Inspetor da Cadeia da Correição participou ao general José Joaquim Coelho, Presidente da Provincia, o acontecido, declarando julgar seu presidio improprio para guardar certos criminosos, pois as paredes eram "feitas de barro e tijolo", podendo ser "arrombadas até com um prego", e pedindo

providencias para ser tapado o buraco. O Presidente oficiou logo ao Chefe de Policia: "Mande V.Mcê. proceder, como fôr de direito, contra a sentinela ou qualquer outro individuo que se possa considerar culpado da evasão da ré Bonifacia, que se achava presa na Cadeia de Correição."

Reboliço nos meios oficiais. A sentinela culposa, a pão e agua, na solitaria. O Inspetor da Correição, Miguel Fernando Barros, a receber do carcereiro, João José Saldanha Marinho, o seguinte: "Participo a V. S. que foi arrombada a cadeia de mulheres esta noite pela sentenciada Bonifacia, a qual se evadiu pelo mêsmo rombo que havia feito, por se achar a sentinela dormindo, e de tal modo que deixou furtar a granadeira. V. S. queira dar providencias, afim de ser tapado o rombo." E os pedreiros concertando o buraco entre as chufas e remoques dos desocupados que vinham admirá-lo. E as patrulhas de Linha e de Permanentes percorrendo os arredores da cidade, a bater os matos do Tauape, das Damas, do Barro Vermelho, devassando os areais e praias do Meireles e do Arpoador, em busca da criminosa, armada agora com a granadeira do dorminhôco. Que perigo!

Dois dias depois, a 30 de julho, de 1842,

alguns soldados a agarraram no caminho da Jacarécanga para o Urubú, fingindo-se lavadeira, com uma trouxa de roupa á cabeça. Voltou á prisão, onde foi algemada e ficou de sentinela á vista.

No dia 21 de setembro, recolheram-na ao oratorio e, no dia 22, marchou para o patibulo através das ruas da cidade, sob o ouro do sol radioso e o dolente badalar dos sinos. O carrasco Pareça segurava a corda, o juiz Samico mostrava-se imponente sobre um corcel alazão e, ao seu lado, tambem a cavalo, o escrivão do Crime de vez em quando berrava:

— Justiça que manda fazer o júri desta capital na ré Bonifacia, escrava de Joaquim Marques Vairão e assassina do filho dêste, para que sofra na forca morte natural!

Seguia-se a leitura da sentença.

A multidão rodeava a forca no largo do Paiol, em frente da muralha verde do mar, que se interpunha entre a alvura purissima das dunas e o azul luminoso do céu. Silenciosa, calma, com as pernas enfiadas numas calças velhas, a ré subiu os degrás do cadafalso. O carrasco tapou-lhe o rosto com um lenço e a enforcou.

Por que a cabôcla Ana a teria denunciado? Unica testemunha a precisar os fátos

não teria caluniado a outra? Não lhe disputaria o mulato Damião? Por que não defendeu o menino e não lhe evitou a morte? A acusada e a acusadora levaram o seu segredo para o túmulo, uma na fóssa comum dos enforcados do antigo cemiterio de Fortaleza, onde hoje se ergue a Sé, a outra na vala dos desherdados de Arronches ou do Maranguape.

O último documento dessa tragedia faz, no entanto, sorrir. E' o oficio em que o juiz municipal pede ao brigadeiro Coelho, Comandante das Armas e Presidente da Provincia, o pagamento pela Tesouraria Provincial da quantia de 94$800, despendida com a execução da pobre escrava.

Foi bastante caro para o tempo...

As raspas de taboca

Naquêle ano, a vila de Viçosa, pacatamente aninhava no alto da Serra Grande, estava infestada de ladrões misteriosos. Raro o dia em que não amanhecia roubado um galinheiro, um quintal, uma casa de familia ou um estabelecimento comercial. E não havia meio de se descobrirem os autores dêsses delitos.

Tres anos antes, a rebeldia dos Balaios, que semeára de horror e desordem as Provincias do Maranhão e Piauí, que viera espraiar-se até a do Ceará, sobretudo naquela região lindeira da Ibiapaba, despertára todos os instintos de malvadez e rapinagem da gente baixa. Os indios mansos haviam entrado na grande insurreição, chefiados pelos seus capitães, saqueando povoados e depredando os cartorios. O mêsmo, ou peor, tinham feito os negros do quilombo do famigerado D. Cosme I, Imperador dos Bentevis. De modo que os efeitos de tudo isso se

sentiram por muito tempo depois de pacificadas as Provincias rebeladas pelo genio militar e politico de Luiz Alves de Lima e Silva, futuro duque de Caxias.

Morava em Viçosa o maranhense Inácio João de Magalhães, que, com sua mulher, dona Mariana, viera, escorraçado pelos Balaios, do Brejo dos Anapurús, onde residia, trazendo bens e escravos. Certa manhã, sua casa foi roubada, deu o alarme. E o negro Luiz, em quem depositava a maior estima, de cuja fidelidade nunca duvidára, acusou o soldado Mota, do destacamento policial.

Interrogado pelo comandante, tenente João da Silva Pedreira, amigo de Magalhães, o qual se apressára em lhe levar a queixa e afirmar a confiança depositada no escravo, o soldado negou; mas, intimado, caiu em algumas contradições, não podendo explicar direito onde se achava por ocasião do roubo. Talvez encobrisse algum segredo amoroso. O superior, sem a menor hesitação, condenou-o a levar em público quatrocentas pranchadas.

A tropa formou em quadrado na vasta praça da matriz, com as baionetas luzindo ao sol matutito. A serra, em volta, estava em festa e o passaredo gorgeava na mata verde. Os riachos cantavam. No meio do quadro, nú da cintura para cima, acurvado sobre dois

fusis em cruz, o misero soldado com o cabo esquadra a bater-lhe com a espada de prancha, enquanto o sargento contava as pancadas. Quando passou de cincoenta, o sangue começou lentamente a porejar na pele equimosada. O homem gemia e se lamentava de fazer dó:

— Eu sou inocente! Juro por Nossa Senhora! Eu não roubei, *seu* tenente! Não me deixem matar! Não me dêem mais! Eu não aguento!... Pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo!...

Cem! Duzentas! Trezentas! Quatrocentas! Barbaridade! Um suspiro de alivio saíu da tropa e do povo que assistiam á cena. O homem estava exausto, exsangue, caído de bôrco. Sentia-se que estava vivo pelo leve arfar das costelas. As costas pareciam carne de açougue. Um soldado deu-lhe um pouco de agua com arnica. Outro começou a pôr-lhe panos molhados sobre as feridas. Quando conseguiu se erguer, deu alguns passos cambaleantes em direção á igreja, ajoelhou-se no primeiro degráu da larga escadaria que levava ao adro e bradou:

— Permita Nossa Senhora da Assunção que quem me levantou tamanho falso acabe em poucos dias na ponta duma faca!

Ainda o soldado se não restabelecera da

tremenda surra e amanhecia roubada a bodega da Maria José Gavião, na entrada da vila. A menina Antonia, cria da bodegueira, contou ao subdelegado local que acordára quando os ladrões entraram, tivera mêdo e se escondera atrás duma porta, vendo-os perfeitamente á luz da vela que acenderam para arrombar a gaveta do balcão, onde estava o dinheiro. A revelação do nome dos meliantes deixou a toda a gente estarrecida: Luiz, o escravo fiel de Inácio João de Magalhães, o acusador impiedoso do pobre Mota, Paulo, escravo de Alexandre da Costa, Francisco, escravo de Francisco Manuel, e Pedro, menino da casa de Manuel Filipe Benicio Fontenele, que servia de pivete á quadrilha.

Inquerido em primeiro lugar pela autoridade, o menino contou como e por quem tinham sido praticados todos os roubos que haviam alarmado a pacata vila serrana. Os escravos Paulo e Francisco fôram castigados com abundancia de açoites. O menino levou uma bôa tunda de seu patrão. Inácio João de Magalhães intercedeu pelo preto Luiz e livrou-o da surra. No entanto, havia permitido que, pela simples acusação dêste, fôsse o inocente policial barbaramente castigado. Vociferou em casa contra o negro, chamou-lhe os peores nomes e ameaçou-o com a mais severa punição ao menor deslise que dali por deante cometesse.

O escravo era de indole perversa. Ufanára-se sempre da confiança do amo, que agora sentia perdida de vez. A' sombra dessa confiança pudera agir, tornando-se como que o chefe da quadrilha de ratoneiros que fôra apanhada, mas cujas atividades não seriam esmiuçadas como era necessario. Receou os castigos futuros e se encheu de odio contra o senhor. Mais furioso ficou ainda no dia em que Inácio João lhe declarou que, pensando bem, resolvera não o querer mais em Viçosa e mandá-lo para a sua propriedade maranhense no Brejo dos Anapurús. Que se aprontasse, pois, para viajar.

A' bôca da noite, o amo perguntou a dona Maria conforme costumava:

— O Luiz já foi pôr o capim para o meu cavalo?

Era um animal de muita estimação, cardão-rodado, marchador, de rêgo aberto, que o negro tratava com todo o desvelo para agradar ao amo e que êste não esquecia nunca. Dona Maria respondeu:

— Não, Inácio, o Luiz foi se deitar com muita dôr dum lado. Mandei até que êle tomasse um chá de herva cidreira com acónito.

— Está bem. Então eu mêsmo vou levar o capim.

Foi. A cocheira era um cercadinho no fundo do quintal, debaixo de frondosa mangueira. Perto, uma covoada de serra, áspera, semeada de pedrouços. Mal o maranhense se aproximou da mangedoura, carregando o feixe de capim, estrondou um bacamarte bôca-de-sino do lado das pedras. Largou das mãos o que levava, cambaleou como um ebrio e procurou alcançar a porta da sala de jantar, onde tombou morto no meio das pessôas que acorriam ao tiro.

O escravo levantou-se da rêde onde gemia com dôr de lado e esqueceu a doença para carpir o senhor morto covardemente. Foi o portador da carta em que o maior amigo da vitima, Francisco Lopes, comunicou a Inácio João de Barcelos, pai dela, na fazenda do Limão, a tres leguas de Viçosa, o assassinio de seu filho.

Quem seria o criminoso?

Esta era a pergunta que todos se faziam e ninguem atinava em responder. A policia andava tonta. A viuva desinteressava-se do assunto. Somente o amigo fiel Francisco Lopes queria firmemente achar o assassino. Examinando as horrendas feridas produzidas pela carga brutal do bôca-de-sino, despejada quasi a queima-roupa, encontrou vestigios da bucha com que a arma fôra socada: raspas de taboca. Chamou a atenção para o fáto e logo apareceu um menino que lhe veio dizer:

— Ainda ontem de tarde eu vi o negro Luiz mais o negro Antonio conversando na beira da lagôa e raspando uma taboca.

O indicio era apreciavel. Francisco Lopes calou-se e logo escreveu uma carta urgente ao pai da vitima, dizendo-lhe que prendesse o negro Luiz e o recambiasse bem seguro Veio e apareceu tambem um tal Manuel Pedro de Assunção para contar que o escravo o quisera peitar afim de assassinar o amo. Infelizmente ninguem se lembrou de apurar porque o preto confiava, assim, no Assunção e que verdadeiras relações eram as dêles com a quadrilha de ratoneiros.

Antonio, o outro negro a que se referira o menino denunciante, era o pagem de toda a confiança de dona Mariana. Mal ouvira falar nas raspas de taboca, evadira-se. Agarraram-no nos arredores da vila da Granja, na pianicie.

Interrogados separadamente e convenientemente açoitados, ambos confessaram o crime com todos os pormenores. Em virtude dum plano que haviam assentado para se li-

vrarem do senhor e ficarem na dependencia de dona Mariana que tinham esperanças de poder manobrar a seu talante, Luiz fingira-se doente para obrigá-lo a ir ao quintal tratar do cavalo, com a vantagem de ficar livre de qualquer suspeita. Antonio esperava-o de bacamarte aperrado na tocaia das pedras. A traça parecia denunciar uma inteligencia mais aguda que a de simples escravo de raça negra. Ninguem, porem, refletiu sobre o caso. E, se não fôssem as raspas de taboca, tudo teria ficado envolto no misterio...

O júri de Viçosa condenou ambos os pretos á morte com esta disposição original: Luiz, preso em Viçosa, devia ser enforcado na Granja e Antonio, preso na Granja, devia ser enforcado em Viçosa. Era preciso escarmentar a escravaria ainda trepidante da rebeldia da Balaiada onde fôsse possivel ou uma influencia estranha fazia questão de isolar em Viçosa a execução do pagem Antonio?

A êsse processo não faltaram coincidencias e originalidades. O bom humor do povo apelidou-o — *processo dos Inácios.* Nunca se tinham ajuntado tantos Inácios, aos pares: João Inácio chamava-se a vitima e João Inácio, seu pai; Inácio José chamava-se o juiz que presidiu o júri e Inácio José, o advogado que defendeu os réus.

O interesse manifestado por dona Mariana em favor do negro Antonio, matador de seu esposo, foi muito suspeito. Ela tudo fez para salvá-lo da morte. Gastou rios de dinheiro. A poder de ouro, conseguiu pusessem agua-forte na corda, de maneira que se partiu, quando o carrasco lançou ao espaço o condenado, na forca armada no proprio lugar em que se emboscára para matar. Antonio caíu de pé. Do seio do povo correu logo um velho empunhando a bandeira da Misericordia. Desvairada, dona Maria gritava da janela de sua casa:

— Pega-te, meu negro, com a bandeira da Misericordia!

O juiz da execução, o pai do morto e o amigo fiel Francisco Lopes protestaram indignados. O povo, que se revoltára contra os assaltos noturnos da quadrilha, contra a injusta cóça dada no soldado inocente e contra o covarde homicidio final, acompanhou-os em côro. A voz desesperadora de dona Mariana foi abafada pelo berreiro da multidão:

— Morra o negro! Morra o negro!

O negro morreu mêsmo. Dona Mariana, segundo parece, chorou-o muito mais do que o marido. Dias mais tarde, o preto Luiz subia a escada da forca armada na praça da

matriz de Granja. Tinham-no açoitado tanto em Viçosa que, com a viagem, as feridas arruinaram e criaram bichos. Os tapurús caíam do cadaver dependurado da trave fatal.

Pagou com juros a calunia que levantára contra o soldado Mota.

A mão de pilão

Aquela mão de pilão, tão lustrosa e macia pelo uso, era, na verdade, uma tentação do Maldito!

Todos os dias, horas e horas seguidas, o escravo Estevam a manejava, socando milho para cuscús, descascando arroz ou pilando café torrado, no amplo terreiro do sitio do coronel Diogo Lopes, um dos homens mais ricos do Ipú.

A casa do sitio era toda rodeada de varandas e ficava num alto, a cavaleiro de pequeno açude em que o céu azul se refletia como num espelho cristalino. Do terreiro se avistava parte da vila, surgindo dentre arvores frutiferas, alem duma baixa plantada de coqueiros: um renque de casinhas pintadas de azul e branco terminando em larga praça irregular onde se erguia o cruzeiro da matriz, cuja torre caiada de novo se perfilava resplandecente no ar luminoso. Ao fundo de tudo, corria o alto e ingreme paredão da Ser-

ra Grande como um muro de ciclopica fortaleza, de cujas ameias se despejava a famosa Bica do Ipú, como um véu de noiva pendurado dos fraguedos.

O escravo Estevam ficava em pleno sol, batendo pilão horas e horas a fio. Derretia-se em suor. A cabeça andava-lhe á roda, azoinando. Começava aquêle monótono e pesado trabalho ao nascer do dia. Terminava-o ao cair a noite. Mal lhe davam um tempinho de comer alguma cousa, a comida de porcos dos escravos.

E' que o feitor Manuel Mourão andava de ponta com êle. Estevam arrastára a asa com exito sabido a uma negrinha que o feitor pretendera. Aproveitando a primeira falta que cometera, êste decidira castigá-lo cruelmente para se vingar. Pusera-o ao pilão uma semana inteira e sem direito á sombra.

Quando êsses dias terriveis se escoaram, o negro estava exausto. Não podia mais. Na sua cabeça torrada pelo sol, uma unica cena infindavelmente se repetia: êle pilando ao sol e o feitor balançando-se na rêde, a fumar o cachimbo, na sombra frêsca da alpendrada, com o chicote de rêlho crú com que lhe zurzia as carnes escuras sobre os joelhos, gozando o seu sofrimento, a sua

miseria. A grande mão de pilão subia e descia isocronamente, com sua pancada sêca, manejada pelas suas mãos simiescas. Era mêsmo uma tentação do Maldito!... Fechava os olhos para não vêr o que sabia que ia fatalmente acontecer... Mais dia, menos dia...

Dai a uns dias, o feitor encontrou-o á tarde, á beira do açude, largada a enxada, comendo uma laranja apanhada no pé. Foi logo metendo-lhe o rêlho pelas costas.

— Quem te deu?

O escravo ficou calado, olhando-o com um olhar máu, de soslaio.

O outro ameaçou-o:

— Pensas que me metes medo com êsse olhar de cobra? Amanhã bem cedinho, voltas ao pilão por mais uma semana, para aprenderes a não chupar laranja furtada.

A noite caíu. Tudo adormeceu sob a paz do céu estrelado. Somente os caçotes cantavam na beirada do açude, os insetos povoavam de murmurios e cicios o silencio noturno, as raposas, ao longe, guaiavam instantes no cio, gargalhavam as mães da lua ou ladravam cães. Deitado numa esteira imunda, lá no fundo da senzala fétida, o escravo Estevam não podia pregar ôlho, pensando sem parar na tortura do pilão...

Quando os galos anunciaram a madrugada, saíu ao terreiro. Corria um ventinho fresco que vinha da serra. Lá estava o vulto escuro do pilão destacando-se como um porco adormecido na meia luz do dia que vinha perto e clareava a parede do oitão da casa do engenho. Ao lado, encostada á taipa como uma lanada de artilharia, a pesada mão envernizada pelo atrito das palmas dos negros, com as extremidades cilindricas manchadas de amarelo, de branco e de preto pelo milho, o arroz e o café.

Aquela mão de pilão, tão lustrosa e macia pelo uso, era mêsmo uma tentação do Maldito! O Estevam não podia despregar os olhos dela, como perseguido por uma obsessão.

Atravessou vagarosamente o terreiro quasi claro. Parou um instante junto da mão de pilão. Decidiu-se de repente. Tomou-a e dirigiu-se com passo rápido para a varanda da casa. Um vulto dormia na rêde do alpendre, encolhido com a friagem gostosa da madrugada. Era o feitor Manuel Mourão. Estevam ergueu o pesado madeiro e o descarregou com toda a força sobre a cabeça do homem adormecido. Uma pancada sêca e um rumor de ossos quebrados. Horrivel!

Um sobressalto do corpo na rêde. O sangue começou a pingar.

O criminoso correu para a cancela do sitio, pulou-a com a agilidade dum macaco e foi-se pela estrada de Ipueiras. Fugiu tão depressa que, quando o pegaram, dois dias depois, já estava no municipio do Tamboril.

Não podia escapar da forca. Não escapou. Ergueram-na em frente ao cruzeiro da matriz que os seus olhos avistavam quando pilava por mal de seus pecados ao sol quente, no terreiro do sitio. Era uma forca bastante alta. Servindo de carrasco, forçado com ameaças, o negro Caetano.

Ás seis horas da manhã do dia 23 de setembro de 1845, o réu, confessado pelo padre Corrêa, foi devidamente executado. E como unico epitafio teve êste singelo despacho do meretissimo juiz Pedro Martins de Araujo Veras, nos autos: "Hei por terminada e concluida a execução da sentença dos jurados contra o réu escravo Estevam..."

Qual teria sido o veredito da Eterna Justiça, quando todos os protagonistas da tragedia a ela se apresentaram?

Aquela mão de pilão, tão lustrosa e macia pelo uso, fôra, com efeito, uma tentação do Maldito!

Os pentinhos de marrafa

Quando João Gregorio chegou em casa naquela tarde quente de dezembro, encontrou a mulher feita uma furia.

— Então, seu desgraçado, você furta até o que é meu para dar a uma mulher da vida? perguntou-lhe ela, de mãos nos quadris, em atitude desafiadora.

Êle fingiu-se desentendido e procurou acalmá-la. A consciência acusava-o de ter culpa no cartorio. Mas ela não quis saber de suas lábias e continuou:

— Pois eu compro no mascate, com sacrificio, passando dias inteiros na almofada a fazer rendas para vender, um par de pentinhos de marrafa e você, seu senvergonha, abre o meu baú e furta-os para aquela delambida, aquela peitica, aquela muié-dama, aquela não sei o que!

A' acusação seguiu-se uma churriada de nomes feios. Cada qual o mais cabeludo! O lavrador, em apuros, coçou lentamente a cabeça; depois, disse:

— Eu?... Eu nem ao menos vi êsses tais de pentes...

— O', que descarado!... Quando dei pela falta dêles, pensei que fôsse arte dos meninos. Pu-los em confissão. Coitadinhos! Não sabiam nada. Hoje, vou de manhã á venda do Inacio Lopes e lá dou de cara com a tal Genoveva a quem você arrasta a asa, toda dengosa e lampeira com os meus pentinhos dourados no pixaim!...

Fez uma pausa, meio sufocada de raiva. As cabeças medrosas dos dois filhos do casal espreitavam a rusga domestica da porta da camarinha. João Gregório acendia vagarosamente o cachimbo com um pequeno tição apanhado na trempe da cosinha. A mulher prosseguiu:

— E' preciso ser mêsmo muito ordinario para furtar um possuido da mulher, comprado com o dinheiro do trabalho dela, e dá-lo de presente á amasia!!!... Quando vi os meus pentinhos de marrafa na cabeça daquela perdida, juro que me deu uma coisa cá por dentro! Fiquei como uma doida. Se a militrina não vai logo correndo para casa, juro por Nossa Senhora da Conceição que lhe enfiava uma quicé nas tripas!...

Fez uma pausa e, com desespero:

— Quero os meus pentinhos, João Gregorio! Quero os meus pentinhos! Ou você vai buscá-los em casa daquela peste ou eu faço uma desgraça!

O camponio compreendeu que a situação era mais grave do que lhe parecia. Tirou o cachimbo da bôca e replicou, sem procurar negar mais a sua culpa:

— E', mulher dos meus pecados, você tem mêsmo razão... Eu fiz uma cousa muito feia mêsmo. Mas perdôe-me que eu lhe prometo largar aquela criatura duma vez e lhe trazer amanhã sem falta os seus pentinhos...

Deante daquela humildade que parecia prenunciar a sua vitória final, a voz da esposa ofendida começou a baixar de tom. Êle foi calmamente lhe aplacando a ira. Sentia-se, porem, que sopitava um rancor surdo na afetada tranquilidade.

Assim, a noite caíu e os meninos fôram dormir.

Nasceu a lua e espalhou a sua nata de luz esverdinhada sobre a mataria ressequida. Ao longe, na varzea da Jandaiguaba, os troncos linheiros das carnabueiras pareciam fustes de prata. Os bacuráus voejavam na poeira luminósa do luar. João Gregorio exclamou de repente:

— Que noite bôa para matar tatú!

A mulher, acocorada á beira do fogo, na cozinha, não respondeu. Êle acrescentou:

— Ainda ontem achei o rasto dum ali na beira do rio.

— E'? indagou ela, ainda distraída pelo ciume que a torturava.

— E'. Você quer ir fazer a caçada comigo?

Ela aproveitou a ensancha de retomar o seu homem preso nos braços alheios e consentiu:

— Vamos!

João Gregorio tomou a espingarda. Ela muniu-se com um cavador de ferro. Seguiram um atrás do outro pela vereda retorcida que se ia perder nos carrascos e taboleiros á orilha da varzea. Seus vultos deslisaram silenciosamente pelo caminho enluarado, sumindo-se, depois, no mato sombrio. Ao longe, para os lados de Soure, um cão uivava, rasgando o silencio da noite clara.

Pela manhã cedo, os vizinhos mais proximos acordaram aos gritos das duas crianças aflitas que procuravam os pais desaparecidos. Acorreram pressurosos, indagando do que acontecera. Os pobres meninos contaram que os dois haviam brigado na véspera e não tinham aparecido em casa. Fez-se logo uma batida pelos arredores. Por volta do

meio dia, á sombra dum mulungú, encontraram o cadaver da infeliz mulher, já todo coberto de formigas. Mostrava sinais de estrangulamento e algumas facadas. De João Gregorio não se achou o menor vestigio.

A policia pôs-se em campo á sua procura e conseguiu agarrá-lo. Estava escondido perto da serra do Joá. Levaram-no para Fortaleza e processaram-no. Negou o crime a pés juntos. Todavia, os indicios contra êle eram tão veementes e tão alto lhe falou a consciência na solidão do cárcere que se apavorou ao pensar na possibilidade de ser condenado á morte. Soubera matar, porem não se sentia com coragem para morrer. Sob o imperio dêsse sentimento de pavor, escreveu uma carta á esposa do juiz de direito da capital da Provincia, dr. José Joaquim da Cruz Sêco, confessando que, efetivamente, havia matado a mulher por não poder suportar mais tempo seu genio infernal e apelado para a sua interferencia junto ao magistrado no sentido de lhe ser atenuada a pena.

Perdeu-se com as proprias mãos. Dona Rosaria Cruz Sêco não se apiedou daquela aflição e vingou a outra esposa ofendida e assassinada. Entregou a carta ao juiz que a mandou juntar aos autos como o melhor elemento de prova, a confissão escrita do réu.

No dia 17 de março de 1845, João Gregorio não pôde persistir na negativa perante o júri e teve de reconhecer-se culpado em face do que escrevera e assinára. O conselho de sentença achou-o passivel de pena capital e o magistrado pronunciou a condenação que o apavorava.

De nada absolutamente lhe valeu o recurso de graça enviado ao Imperador. Somente fez demorar a execução. A 22 de outubro do mêsmo ano, João Gregorio foi metido no oratorio do quartel da 1.ª linha. Ás oito horas da manhã seguinte, levarám-no para a forca, com estação e reza na capela do Rosario. Erguia-se o patibulo no Campo da Amelia, guardado pelos soldados do Capofixo do major Manuel Joaquim de Oliveira, cuja banda de musica tocava funeral, enquanto o dobre dos sinos enchia de tristeza a atmosfera da pequena cidade tropical. O povo enchia todo o vasto campo, comprimindo-se até o portão do cemiterio de São Casemiro.

Aquêles milhares de olhos curiosos viram primeiro o carrasco subir a escada fatal, amarrando a corda na trave; depois, o juiz da execução, Vicente Mendes Pereiro, fazer um gesto de comando do alto do seu cavalo

enxairelado em crepes; afinal, aparecer o criminoso, ladeado pelo confessor da agonia, frei João do Lado de Cristo Pinheiro. João Gregorio estava livido, da côr da alva que lhe haviam vestido. Tremiam-lhe continuamente as mãos, fazendo chocalhar as algemas de ferro que lhe prendiam os pulsos. Pediu comida e bebida. Trouxeram-lhe, como de praxe, pão de ló e uma garrafa de vinho. Esvasiou-a, enquanto a voz retumbante do frade fazia uma prédica, admoestando o povo para que visse naquêle triste exemplo até aonde um homem podia ser levado pelas tentações do Maldito.

Quando acabou de falar, o carrasco içou João Gregorio, que ria completamente bebedo, pela escada, e, ao ouvir o frade dizer a última frase do Credo, atirou-o ao espaço.

Bem em face da forca e o mais perto possivel, uma mulher com duas crianças pelas mãos não perdia um pormenor da horrivel cena. Era a sogra de João Gregorio com os dois filhinhos dêle. E dizia-lhes, baixo:

— Nunca se esqueçam, meus netinhos, que êsse monstro que vai morrer foi quem matou sua mãezinha, que era uma santa. Ela já está a esta hora no céu. Êle irá para as profundezas do inferno!

Adivinhando, apesar de sua pouca ida-

de, todo o horror daquela tragedia que lhes envenenaria a vida inteira — a mãe asassinada, o pai enforcado na praça pública! — os dois meninos tinham os olhos esbogalhados e rasos de agua, enquanto um tremor agitava suas mãozinhas pálidas...

Afinal de contas, era a seu pai que viam enforcar. Poderia ter sido pessimo marido. Era o assasino de sua mãe. Mas é possivel que tivesse sido bom para êles, que guardassem a lembrança duma caricia de suas mãos depois criminosas. Fôra êle que lhes dera o ser. O odio da velha, odio de mãe e odio de sogra, não compreendia isso. Queria que os filhos gravassem na alma, com aquela cena, o horror á figura, á memoria, ao nome daquêle desgraçado. Sua voz continuava, rouca:

— Um monstro dêstes não póde ser pai de ninguem, meus netinhos!

E tudo isso se deu por causa de dois pentinhos de marrafa, pretos e com o dorso dourado, que os mascates do tempo vendiam por uma pataca...

Ainda ha poucos anos, no fundo da atual praça Castro Carreira, junto ás dependencias da estação da Estrada de Ferro de Baturité, existia um grupo de tres ou quatro altas e viçosas casuarinas. Eram as últimas do antigo cemiterio de São Casemiro, do qual a gente da Fortaleza de hoje não tem mais a menor noticia. Eram as últimas testemunhas vivas do enforcamento de João Gregorio na presença de seus proprios filhos.

O patuá-mandinga

Em uma das minhas peregrinações pelo sertão do Ceará, ao visitar a vila de São Mateus, mostraram-me o Alto da Forca, pequeno cómoro atapetado de panasco e balizado por algumas raquiticas catingueiras que se retorciam entre pedrouços no esforço de romper aquêle sólo áspero. Um dos sertanejos que me acompanhavam disse-me:

— Aqui se acabou a virtude do mais famoso patuá-mandinga dêste sertão!

Indaguei logo da história que se devia esconder sob aquelas palavras e êle contou-me o seguinte:

Depois da sêca de 1845, em toda aquela redondeza só se falava no patuá-mandinga do Silvestre Pereira, cabra valentaço e metido ás mulheres. Não havia uma que lhe resistisse á sedução, viuva, casada ou solteira. Tambem não havia homem que o vencesse no cacete ou na ponta da faca. De bala nem era bom falar. Atirar nele era ati-

rar no diabo, errava na certa, mêsmo que dormisse na pontaria, á queima-roupa. Tudo isso porque trazia constantemente ao pescoço, pendurado dum cordão de ouro, um saquitel de chita vermelha contendo a oração forte que tornava invulneravel. Corpo fechado do legitimo!

O último amor dêsse D. Juan sertanejo pegou de galho e foi um amor de perdição. Tinha um irmão de nome Joaquim José, com fazenda no lugar chamado Volta, casado com uma morena de virar a cabeça a qualquer um. Silvestre tornou a cunhada sua amante pela virtude magica do patuá.

Certo dia, a revoada dos urubús sobre uns mocosais, perto da casa da fazenda, chamou a atenção de alguns vaqueiros. Teria morrido alguma rez? Fôram vêr. O fedor era tremendo. Aproximaram-se tapando o nariz, espantaram os anuns, os camirangas e os tingas, toda a urubuzada que esperava a carniça, e deram com o cadaver dum homem metido numa loca e todo coberto de ramos. Tiraram-no com umas forquinhas e ainda o puderam reconhecer. Era o pobrezinho do Joaquim José.

José Cabral do Prado, homem que tinha fama de saberete e em tudo metia o bedelho, fez a vistoria do corpo com um lenço embebido em caxaça a tapar-lhe as ventas e declarou que o *desinfeliz* havia sido derrubado a páu e sangrado á faca, como boi, no pescoço lá dêle.

As suspeitas gerais recairam logo sobre o irmão e sua combora. Prenderam-nos, levaram-nos para a vila e os interrogaram. Não tiveram coragem de negar. Confessaram tudo. Silvestre, influenciado e aguilhoado pela Caetana, tinha resolvido derrubar o impecilho á sua completa felicidade. Decididos ao crime, mataram Joaquim José, quando dormia. Algumas cacetadas seguras para perder os sentidos e a sangria.

Corria o mês de dezembro de 1846. Completava-se o primeiro lustro da maioridade do senhor D. Pedro II. Em tão priscas eras, que bem longe vão, como diz o poeta, os júris do sertão se distinguiam pela sua severidade. O de São Mateus não falhou á tradição, condenando a adúltera a seis anos de prisão e o matador á morte, na memoravel sessão de 24 de junho de 1847, em que o promotor José Olimpio fez toda a gente ficar arripiado, narrando em termos comoventes, com a voz trémula, os principais pormenores do incesto e do assassinio.

Ninguem acreditava que, com aquêle patuá-mandinga, o Silvestre pudesse morrer

na forca. Ninguem. A apelação foi recusada. O recurso de graça, indeferido. Porem a demora em tudo isso era muito grande. Os anos iam-se passando e todos crentes que o caborge produzia os seus efeitos, lá á sua moda. Só em março de 1850, quando o inverno ia em meio, veio a ordem superior para a execução, que a todos espantou. Todavia continuavam a crêr na virtude da reza forte. Ora, haveriam de vêr...

Trouxeram o réu da cadeia do Icó, onde estava recolhido. Mandaram buscar ao Crato o carrasco Cosme Cavaco. Essas providencias não destruiram a fé do povo no famoso patuá-mandinga, que, na verdade, continuou a operar prodigios. Na véspera da execução, desabou uma dessas chuvas de deixar as sapas viuvas, que fez transbordar o riacho do Ouro ao pé do Alto da Forca, esbarrondando o terreno em que ela se erguia e obrigando a Cámara a mandá-la endireitar de manhã cedo.

Os executores da lei aproveitaram essa demora para levar o criminoso até o cemiterio e ali fazê-lo confessar-se ao padre Manuel Braga, á beira da sepultura que para êle já fôra cavada. Crueldade desnecessaria, mas que mostrava a indignação de que todos ainda se sentiam possuidos contra a covardia daquêle crime.

O réu subiu á forca e a primeira corda partiu-se. O patuá não era de brincadeira! O carrasco, com receio daquela força ignota, pediu duas cordas novas e só assim pôde enforcar com todas as regras do oficio em que se tornára perito o *cabra* mandingueiro.

— Desta vez — dizia o Cosme Cavaco — calcando-lhe os ombros com os pés, agarrado á trave como um macaco — não ha patuá que te salve!...

Quando o sertanejo acabou de me contar essa lôbrega história, conservada na tradição oral, indaguei dum velhinho de cabeça alvissima que estava conosco e não perdera uma palavra da narração:

— O senhor viu a execução?

— *Inhor* não, respondeu-me êle; mas ainda me lembro de ter visto a forca. Tinha oito anos quando a derrubaram, no ano de 1860.

— Quantos fôram enforcados nela?

— Só o Silvestre, graças a Deus! Antes dêle, ninguem, e ninguem, depois dêle.

E, como assaltado duma dúvida, virando-se para outro velho, mirradinho, de olhinhos vivos de preá:

— Compadre Fulô, o negro Luiz que

matou a Maria da Felicidade, a filha do Paulo Acacio, foi condenado á morte, mas não foi enforcado, não é certo?

— E' sim, compadre Izé, tornou o outro. O Imperador (e aí tirou o chapéu) comutou a pena dêle em galés perpetuas, no ano de 1856, quando fizeram a torre da matriz. *Pizque* êle morreu em Fernando de Noronha.

Eu escutava pensativo os dois velhos virando as páginas do livro do passado. Calaram-se. O sertanejo que me contára a história do crime falou, então, com vagar e seriedade:

— O patuá foi feito para dar sorte no amor e fechar o corpo. Não foi feito para livrar de forca que mata por fóra, sem varar a pele e as carnes. Era tão bom, no entanto, que demorou anos e anos a execução, fez chover para derrubar a forca e rompeu uma corda. O carrasco teve de botar duas, se quis matá-lo. Eu disse que aqui se tinha acabado a sua virtude. Teria mêsmo?...

Riu vagarosamente, ironicamente. Compreendi perfeitamente o que estava pensando. Aproximei-me dêle e perguntei-lhe de súbito, á socapa:

— Você tem o patuá do enforcado?

O homem não resistiu. Desembuxou, baixinho, ciciante:

— Meu avô era o major Francisco de Abreu Barros, escrivão do júri. Assistiu á execução com o juiz, como era de praxe, e conseguiu do alferes Negreiros, comandante do destacamento, tirar o tal saquinho do pescoço do enforcado antes de enterrá-lo... Ficou na nossa familia e tem dado sempre sorte!...

— Tinha interesse em vê-lo Quer me mostrar?

— Qualquer dia.

Demorei-me ainda dois dias em São Mateus. O contador da história sumiu-se de minha vista. E por isso fui embora sem ter conseguido vêr o famoso patuá-mandinga do Silvestre Pereira, que lhe dava o amor das mulheres, que o livrava de bala e punhal, que demorava o processo e enchia os riachos, mas que foi impotente contra a forca da Justiça Pública, embora ainda tivesse o poder de quebrar uma corda.

A mulher do Coringa

A desgraça do negro Domiciano foi conhecer dona Edviges Maria de Jesus, mulher do Joaquim Coringa. O negro era um tipo perfeito de Ras abexim: alto, espadaúdo, carapinha basta, barba abundante. nariz bem conformado. Alforriára-se pelo proprio esforço, juntando com o seu trabalho de carroceiro, nas horas de folga do serviço do amo, vintem a vintem o que custára na praça de Pernambuco. Tinha uma carroça propria com um bom par de burros e carregava mercadorias entre o Aracati e São Bernardo das Russas.

Ao sair ou ao entrar na cidade, parava sempre na vendinha do Coringa, para tomar um trago de caxaça do Cumbe ou uma chicara de café. Por mal de seus pecados, tambem para demorar os olhos nos olhos de dona Edviges, que era branca como uma garça, mas não desfazia dêle, embora preto como um anum.

Tanto se olharam que se falaram. Tanto se falaram que se amaram. Tanto se amaram que resolveram dar cabo do Joaquim Coringa. Não que o coitado estorvasse aquêle esdruxulo amor duma mulher branca por um negro carroceiro, pois, displicente por natureza, ainda por cima estava avelhantado e doente; mas é que a sua presença não permitia aos dois viverem em comum com todo o desafogo e comodidade, em lugar de somente passarem juntos as noites.

Numa delas, enquanto o pobre Coringa ressonava sozinho na sua camarinha, dona Edviges disse ao preto Domiciano:

— Meu *nêgo,* nós temos mêsmo de matar êsse desgraçado! Não posso mais nem olhar para êle... Tenho engulhos... Quasi que vomito...

— Para que matar o pobrezinho? ponderou o amante. Êle faz que não vê nada, que não sabe de nada. Anda aí pelos cantos. Vai dormir sozinho. Nem reclama. Parece até que a mulher não é dêle...

— Eu o conheço como farinha. O que êle anda, o sonso, é matutando uma vingança. Faz-se de leso, mas de vez em quando some dinheiro. Eu sei que é êle que está ajuntando escondido *móde* pagar um ou dois

cabras e tirar a tua vida, meu negrinho, quando menos a gente esperar!...

Domiciano sentiu um arrepio maior que o de morrer á doçura venenosa daquêle — "meu negrinho!" Ela levantou-se de repente e disse com energia:

— Já te tenho prevenido muitas vezes e não fazes caso; mas, como não quero te perder, nós agora mêsmo vamos dar cabo dêle, apanhamos o dinheiro todo e fugimos para o Rio Grande do Norte. E' só ganhar a chapada do Apodi e ninguem nos pega mais.

O negro procurou resistir á tentação. Ela teimou. Afinal, dirigiram-se á camarinha, onde entraram pé ante pé. Êle apanhára a machadinha de rachar lenha e trazia-a na mão trémula. Ficou imovel, olhando o vulto do marido dela que dormia calmamente, encolhido na rêde com a friagem da madrugada. Estava incapaz de qualquer ação. Não mataria uma barata. Dona Edviges compreendeu isso. Raivosa, tomou-lhe violentamente a arma e golpeou a cabeça do Coringa. A mioleira vasou na rêde logo ensanguentada.

Os galos amiudavam o canto, anunciando a aurora. Ambos fugiram pelos carnaubais. Ela ia na frente, energica, imperiosa,

apressada. Êle atrás, com as pernas bamboleantes, arrastado pelo medo. Sobretudo pelo medo dela.

— Se ficares para trás e me denunciares, repetia, mato-te como matei o diabo do Coringa!

Os primeiros freguêses matutinos da vendinha acharam a porta aberta e a casa vasia. Chamaram varias vezes pelo Coringa e por dona Edviges. Vendo que ninguem os atendia, entraram e fôram deparar com o tragico quadro da camarinha. Avisaram logo a policia, que espalhou os soldados do destacamento policial em todas as direções com ordem de trazer os criminosos mortos ou vivos. Sua fuga era a maior acusação.

Ao fim de tres dias de buscas infrutiferas pelos vastos, intrincados carnaubais das margens do Jaguaribe, do Fortim a São Bernardo e de Passagem das Pedras ao sopé da chapada do Apodi, alguns soldados encontraram o casal fugitivo no lugar Cajueiro, escondido como bichos numa densa moita de jerematai.

— Eu ia passando desprevenido, contava o anspessada que os prendera, quando ouvi mexer nas fôlhas sêcas. O sol estava quente como fogo. Pensei que fôsse tejuassú. Não era, porque não correu. O mexido

parou. Então, era outro bicho. Encostei o cano da granadeira nas galhadas da moita e ia atirar, quando pensei: e, se fôr gente? Aí gritei: — Sai, senão atiro! Os dois miseraveis berraram logo a um tempo: — Pelo amor de Deus, *seu* soldado, não me mate!

No interrogatorio a que foi submetido pelas autoridades, o negro Domiciano declarou que fôra o assassino do Coringa, que êle dera o golpe mortal com a machadinha. Dona Edviges ficou calada. Tambem nada disse quando o júri o condenou á morte, como autor do homicidio, e ela a galés perpetuas, como cúmplice. Sabia que se invertiam os papeis e deixou se consumasse o sacrificio do desgraçado.

Preso por maior segurança na cadeia de Fortaleza, enquanto se esperava resposta da Côrte ao pedido de graça, servia de escarneo e risota aos outros condenados. Seu abatimento moral era tão grande que êles o convenceram de que não era mais gente e devia suportar tudo como um bicho ou uma cousa atôa. O célebre criminoso Alexandre Mourão amarrou-lhe uma feita um gato nas costas, divertindo-se com os pulos que êle dava lanhado pelas unhas do bichano furioso. Um assassino tambem famoso, de nome Cesar, propôs:

— Vamos fazer a barba dêste negro para êle morrer bonito!

Rasparam-lhe, então, entre chufas, a metade direita da barba e a metade esquerda da gaforinha. Nêsse ridiculo estado, o alferes de policia Joaquim do Carmo o levou para o Aracati em obediencia á ordem de execução da Regencia, consequente á recusa da graça. Era no mês de agosto de 1852 e já os taboleiros haviam perdido o verdor do inverno. As aguas das lagôas secavam, não corriam mais as levadas e córregos. Os bandos de pombas avoantes vindos do Apodi começavam a cortar o céu no vale do Jaguaribe.

A 29 dêsse mês, Domiciano Francisco José caminhou — sabe Deus como! — para a forca erguida na Cruz das Almas, ladeado pelos padres Tito e Sampaio. Bóas pernas, a mêsma fraqueza bamboleante do dia do crime, que demorára a fuga. Olhou para o patibulo com os olhos cheios de agua e murmurou:

— Quero ainda me reconciliar com Nosso Senhor!

O padre Tito aproximou-se bem dêle e ficou a ouvi-lo alguns instantes. Depois, disse-lhe brandamente:

— O que o meu irmão deseja é demorar a execução, o que é peor para si e para todos. Sua pena é de morte. Não ha remedio senão cumpri-la. Tenha coragem e fé na misericordia de Deus. Vamos!

Domiciano subiu cambaleando os degráus da escada fatidica, amparado pelo carrasco. Não era mais o famigerado Pareça, porem um criminoso de morte, condenado tambem á pena última e que devia sofrê-la mais tarde, no Ipú, o temivel João Chico. Haviam-no trazido da cadeia de Fortaleza e obrigavam-no áquela triste função.

Em baixo, trémulo, o padre Tito ia recitando o Credo em latim. Quando pronunciou as palavras *vitam eternam*, o algoz atirou bruscamente o réu no espaço. A corda partiu-se. O corpo bateu no chão com todo o peso e ficou imovel. O infeliz estava desacordado. O povo rodamoinhou aos gritos:

— Venha a bandeira da Misericordia!

E logo um homem de opa branca e verde correu, trazendo um estandarte em que se via a imagem de Nossa Senhora da Piedade. Com ela cobriu o desgraçado. A barulheira da multidão aumentava. As vozes continuavam mais fortes, imperiosas, revoltadas:

— Valha a bandeira da Misericordia!

Voltando a si, Domiciano caíu de joelhos deante do juiz, dr. Herculano de Araujo Sales, que, a cavalo, presidia a execução.

E suplicava de mãos postas, com um tom lamentoso de fazer chorar:

— Pelo amor de Deus e da Virgem Maria, não me deixe matar! Pelo amor de sua esposa! Pelo bem que quer a seus filhos!

As lagrimas rolavam-lhe aos pares pelas faces lividas. Torcia as mãos em desespero. Em torno, mulheres em prantos bradavam:

— Valha a bandeira da Misericordia!

Alguem gritou, dominando os chôros e o tumulto:

— A corda quebrou, porque o homem é inocente! Deus não quiz que êle morresse! Respeitem a bandeira da Misericordia!

O juiz era um bacharel moço e energico. Sabia que, dêsde março de 1837, o Governo Imperial proibira se obstassem as execuções com a bandeira da Misericordia, que, por uma velhissima praxe, salvava os réus caídos da forca. Ordenou, pois, a força de policia formasse em quadrado, de baionetas caladas, contendo a multidão, que a bandeira da Misericordia fôsse retirada e que o carrasco fizesse o seu oficio.

João Chico arrastou o pobre Domiciano pela escada acima, dizendo-lhe:

— Vamos! Vamos logo com isto! Breve tambem terei a mêsma sorte! Quer ser melhor do que os outros?...

Enforcou-o com raiva. Mais tarde, o cadaver foi ariado do madeiro infamante. Com a mêsma corda que servira para tirar-lhe a vida, os dois carregadores de ganho, muito conhecidos nas ruas do Aracati pelas suas molecagens, João Grosso e Manuel Marreca, amarraram-lhe pés e mãos, por êles passaram uma vara de mororó e assim, o levaram, pendurado como um porco sangrado ou uma onça morta em caçada, até a capela do Rosario. Pelo caminho, faziam piruetas, diziam chufas ou cantarolavam trovas alusivas, tiradas das cantigas populares ou do divertimento dos Fandangos:

Bom balão,
Senhor capitão,
Da perna de páu,
Do pé de bolão....

O mouro morreu,
Botemos no mar,
O dinheiro dêle
E' pra nós gastar...

Atrás, a garotada gargalhando e vaiando, aos pinotes.

Foi êsse o enterro do negro Domiciano, cuja desgraça foi ter conhecido dona Edviges Maria de Jesus, mulher do Coringa...

As abêlhas de São Pedro

Desce-se para a falsa-braga da fortaleza de Nossa Senhora da Assunção por uma ladeira abobada, no meio da qual se vê, do lado esquerdo, uma portinhola de grossos varões de ferro, dando entrada a uma espécie de masmorra cavada na propria terra do baluarte superior, sem outro respiradouro alem daquêle postigo.

Corre na cidade de Fortaleza a lenda de ter estado ali presa, depois de sufocada a revolução republicana de 1817, a famosa heroina dona Barbara de Alencar, com seus filhos. Ha mêsmo historiadores serios que referem isso. Tôdavia nunca ninguem ali esteve preso, nem tal recinto se destinava a servir de prisão. Era um pequeno paiol para guardar munição de salva e palamenta de artilharia: lanadas, soquetes, morrões.

A portinhola gradeada que dá idéa duma masmorra foi posta em 1854 pelo presidente da Provincia, padre Vicente Pires da

Mota, afim de encerrar ali um criminoso de morte, cuja temibilidade não permitia mais conservar na Cadeia Pública da capital. Tratava-se de João Francisco Tavares, vulgo João Chico, já condenado á morte por homicidio, que matára numa rixa o assassino Guilherme e noutra andára trocando facadas com um negro galé.

João Chico, natural do Ipú, tirára barbaramente a vida a uma pobre mulher, dentro de sua propria casa. O júri sertanejo condenou-o á forca. Enquanto esperava o julgamento do recurso que interpusera á Relação do Recife, veio transferido para a cadeia de Fortaleza, serviu de carrasco no Aracati e espalhou a desordem por onde passou.

Submetido a novo júri, foi novamente condenado á pena última. O Poder Moderador negou-lhe a graça. Como já ninguem o pudesse conter na prisão, o presidente da Provincia mandou limpar, caiar e gradear o covão da falsa-braga, para o isolar em lugar seguro. Não chegou, porem, a habitá-lo. O aviso do ministerio da Justiça, de 18 de dezembro de 1854, chegado ao Ceará na primeira semana de janeiro de 1855, ordenou sua imediata execução.

Levaram o João Chico algemado e acorrentado para a vila do Ipú e lá o enforcaram

CARTÃO
Autorisação n. 56
—
Rio de Janeiro

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSARIO SELAR ESTE CARTÃO
O SELO SERÁ PAGO POR

Getulio M. Costa
Caixa Postal 1.829
RIO DE JANEIRO

Quando ESTE não lhe interessar, por favor
PASSE A UM AMIGO

Aproveite este postal para os seus pedidos pelo serviço postal de **Reembolso**. Queira enviar o seguinte:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

Data .....

Logar .....

Estado .....

.....

Nome bem legível

"SERVIDORA" atende todos os pedidos de objetos que possam ser transportados pelo correio e pelo **Serviço de Reembolso**, nas agências que emitem vale.

com todas as formalidades legais na manhã de 27 de janeiro, no mêsmo lugar onde, dez anos antes, fôra morto o escravo Estevam, que matára seu feitor com uma mão de pilão, isto é, defronte do cruzeiro da matriz.

No último degrau da escada, com o laço fatal já passado ao pescoço, João Chico gaguejou, não de medo, mas porque tinha êsse defeito, para o povo que se adensava contido pelo cordão de baionetas dos guardas-nacionais:

— Minha gente, peço um padre-nosso e uma ave-maria por minha alma! Sou tão inocente como as abêlhas de São Pedro!...

Nêsse momento, o padre Francisco Corrêa acabava de murmurar o Credo. O galé João Pedro, que servia de algoz, empurrou o condenado e trepou-lhe aos ombros. Ambos oscilaram no espaço. Ouviram-se os soluços de algumas mulheres.

* * *

— Que quer dizer essa expressão — *as abêlhas de São Pedro?*

O velho amigo que me acompanhava áquela visita á abandonada e arruinada fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, emérito conhecedor da história e do folclore do

Ceará, sorriu a essa curiosa pergunta e, saindo na bateria da falsa-braga, começou a responder-me sentando-se num carcomido reparo de peça que se encostava á grossa muralha, defesa outróra do largo maceió da embocadura do riacho Pajeú, hoje pacificamente rodeada de casas, de hortas, de pomares, de capinzais e até de chaminés de usinas...

Ao longe, o mar convulso pela maré enchente batia como um louco, espadanando espumas, na ponta do quebra-mar dos Inglêses ou rolava em duas praias curvas que se perdiam no horizonte, para um lado e até o Mucuripe, para o outro até o Arpoador. O vento brincava com todos os penachos dos coqueiros. E a voz do meu amigo foi desfiando a história das abêlhas de São Pedro, na doçura da tarde que caía:

— O povo do sertão conta que o velho São Pedro, chaveiro do céu, possuía uma colmeia que tratava com o maior carinho e cujo mel lhe servia para untar o pão de sua pobreza...

— No céu? interrompi.

— Não. Quando o santo ainda vivia nêste mundo, não sei se na Galiléa ou em Roma. Isto não vem ao caso. O que vem é que, certo dia, um vizinho se lhe queixou de suas abêlhas, que estavam devastando os frutos

de seu pomar. O santo não quis acreditar e, muito aborrecido, para tirar a prova da verdade, foi á colmeia, esperou pacientemente que todas as abêlhas nela entrassem e, quando somente a sentinela ficou no orificio, a empurrou para dentro e tapou-o com barro amassado. Estava mais do que certo que, no dia seguinte, os frutos apareceriam destruidos e, assim, demonstraria a inocencia de suas queridas abêlhas que não haviam saído da colmeia.

Com efeito, no dia seguinte, o vizinho voltou á carga e São Pedro, como unica resposta, mostrou-lhe a colmeia tapada. Êle capacitou-se, então, de que o maleficio provinha de outras abêlhas. Pediu desculpas e retirou-se. Radiante de alegria, o santo foi soltar suas amadas abêlhinhas. Que decepção! Que tristeza! Que dôr! Todas tinham morrido asfixiadas...

Fitei o meu amigo e êle sorriu, talvez compreendendo o meu pensamento. Voltámos pela ladeira abobadada que nos levava á falsa-braga. Parámos um instante em frente da quasi masmorra do João Chico. Ao pisarmos o terrapleno da cortina que liga os dois baluartes superiores, êle revelou ter entendido o meu olhar. Falou lentamente no crepúsculo que começava:

— E'..... Tens talvez razão.... Com mais de setenta anos de distancia, só pelos autos dum processo feito no Ipú não é possivel afirmar que o João Chico não fôsse inocente como as abêlhas de São Pedro, consoante declarou do alto da forca, solenemente, ao povo em massa, na hora sagrada da morte.....

— Que perseguições, que parcialidades não houve? Estamos vendo-as ás duzias, em nossos dias, acrescentei.

Fazia-se escuro. Brilharam luzes aqui e ali.

— São horas de ir para casa jantar, disse o meu amigo.

— Para casa, tu; para o hotel, eu, respondi.

Êle pôs-me a mão ao ombro carinhosamente e caminhámos pelo baluarte esquerdo para o Passeio Público, deserto e triste naquela hora crepuscular, onde ambos vinhamos brincar todas as tardes, quando eramos meninos. Foi-me dizendo:

— Para o hotel! Como é triste ouvir isto de teus lábios! Filho desta cidade, criado nela do berço á juventude, descendente das mais velhas familias que povoaram a Provincia — Lages, Baimas, Cunhãs, Pereiras e Barrosos — com pais, avós e tios que tiveram casas proprias em todas essas ruas centrais,

hoje balizadas de arranha-céus de cimento armado, Formosa, Bôa-Vista, Amelia e Major Facundo, não tens mais casa aqui e vais para o hotel como um caixeiro viajante!... E' triste!....

Sorri e respondi serenamente:

— Sinto-me muitas e muitas vezes como um estrangeiro na terra onde nasci, porque os de ontem que me conheciam e estimavam, que haviam tratado com meus pais e avós, morreram ou se ausentaram; porque os meus companheiros de infancia se dispersaram e porque a gente de hoje não sabe quem eu sou, nem tem razões para me estimar. Quando um homem passa longos anos fóra de sua terra e se liga por muitos laços a outras terras, perdendo o contácto continuo com o seu país, de volta a êle tem a mêsma impressão que, porventura, teria uma abêlha retardataria de São Pedro chegando á colmeia no dia seguinte áquêle em que o santo a fechára com tão bôa intenção e tão péssimo resultado: a impressão de estar só no mundo....

Antes de despedir-se, á esquina do Quartel, o meu amigo guardou nas suas as minhas mãos, dizendo:

— Fazes-me lembrar daquela página da "Nova Floresta" do padre Manuel Bernardes em que vem a história do frade e do passari-

nho. Meditando o frade sobre as palavras do salmo que dizem que um momento na presença de Deus é como um seculo na presença dos homens, sem atinar bem com seu verdadeiro sentido, foi atraido pelo canto dum passarinho que saltitava de ramo em ramo. Acompanhou-o alguns instantes, afastando-se do convento. Quando pensou em voltar, a tarde caía. Estugou o passo e, ao bater na porta, não conheceu o porteiro nem por êste foi reconhecido. Em volta do mosteiro, tudo estava mudado. O proprio mosteiro bastante se modificára. Os frades eram outros. Outro o prior. Quando lembrava nomes de freiras e abades, somente os conheciam por estarem gravados nas lousas funerarias do claustro. Verificou-se que, acompanhando o passarinho, núncio de Deus, o bom religioso julgára que havia passado instantes e passára um seculo. Deralhe o céu a benção de viver pessoalmente as palavras do salmo....

— Que queres dizer?

— Que julgas teres estado ausente pouco tempo e já são passadas dezenas de anos. Não o sentiste, porque, conquistando a gloria, viveste na presença de Deus, enquanto por aqui tudo mudava — homens e cousas....

— Na presença de Deus?....

— Sim. A gloria é divina, é uma irradiação de Deus.

— Pois, meu caro, somente eu, no meu fôro intimo posso saber se foi na presença de Deus ou na do diabo....

— E'?

— Morrerei com o segredo para mim só.... Nem do alto da forca falaria como o João Chico....

E despedimo-nos com um abraço fraternal.

O crime do taboleiro de areia

Houve outróra, quando começou o povoamento do vale do Jaguaribe, nas terras do Ceará Grande, um lindo lote de eguas ruças que costumava pastar na mais bela varzea daquêle rio, onde se cruzavam os caminhos do Aracati, do Icó e do Apodi, no meio das penasqueiras verdes, sob as frondes gementes das altas e linheiras carnaúbas. Ali, um dia se estabeleceu um fazendeiro que fazia novenas a São Bernardo, glorioso cantor da Virgem Maria. Quando outros habitantes por aii se aglomeraram, atraídos pela beleza do local, erigiram uma capela áquêle santo. Assim, nasceu a vila cearense de São Bernardo, denominada das Ruças ou das Russas, para se diferençar de São Bernardo da Cachoeira, mais adeante.

Pela redondeza, com o tempo, fôram surgindo outros povoados, entre os quais o do Taboleiro de Areia, destinado a ser, em 1854, teatro dum dos crimes célebres da Provincia.

Indo á casa de Ana dos Passos de Jesus, que vivia com dois irmãos menores, a negra Maria, escrava de João Soares Pereira, achou-a toda fechada. Deu volta pelo lado da cozinha e espiou por um buraco da parede de taipa. Viu, com espanto, a rapariga caída no chão, toda descomposta, estrebuchando. Perto, acocorado, o negro Joaquim, escravo de Antonio Nogueira, tio e padrinho da vítima, o qual com os olhos injetados de sangue lhe perguntou furiosamente:

— Que queres aí, Maria? Vai-te para a casa de teu senhor! Vai-te embora, diabo!

A preta atreveu-se ainda a indagar:

— Que é que a moça tem?

— Não tem nada, não. Está folgando comigo.... Vai-te embora, diabo!

A escrava foi-se, amedrontada e desconfiada de que se passava alguma cousa grave. Pediu socorro a quem foi encontrando. Espalhou-se a noticia e correu muita gente á casa de Ana dos Passos de Jesus, encontrando-a morta, com visiveis sinais de estupro. Varios homens armados puseram-se ao encalço do preto e o agarraram quando atravessava o rio para ganhar o Apodi.

No interrogatorio, o criminoso declarou que, sendo a vitima sobrinha e afilhada de seu senhor, ia sempre á sua casa. Achando-a

sozinha naquêle dia e havendo ela o acusado de ter-lhe roubado algum dinheiro e uma vara de fumo, firmando ir contar tudo ao seu amo para que lhe desse uma bôa surra, enfureceu-se, apavorou-se com a perspectiva do castigo e, com um cabresto de couro crú que trazia, estrangulára a pobre criatura, tapando-lhe a bôca com uma das mãos e apertando o laço com a outra.

Pelo corpo de delito, porem, se via que o crime fôra cometido de outra maneira e para outro fim. A moça estava assentada de costas para a porta da cozinha, quando êle entrou de mansinho, a laçou pelo pescoço e a derrubou sem que se pudesse defender. Depois de saciar seus instintos animais a estrangulou, afim de que não contasse o que se tinha passado. Quando a acabava de matar é que apareceu a escrava Maria e deu o alarma.

Apesar de negar o depoimento em plenario, o júri, reunido no consistorio da matriz, o condenou á pena última, correndo as custas do processo por conta — imaginem de quem! — do seu senhor, coitado! — sem a menor culpa na tragedia. Como a justiça não podia perdê-las em hipotese alguma, que as pagasse sem bufar e se desse por muito feliz, pois andava na bôca do povo e chegou até nossos dias esta praga: *justiça do Ceará te persiga!*

Quem o mandava possuir escravo tão feroz?

O preto teve a insigne honra de se confessar no oratorio ao ilustre padre Lino Deodato, mais tarde bispo de São Paulo. Ás nove horas da manhã de 20 de fevereiro de 1855, vestido de alva e devidamente algemado, Joaquim se avistou com a forca levantada no Curral do Açougue. Vinha tão abatido que quasi o arrastavam. O padre Bessa, que o acompanhava, chorava tão emocionado que errou varias vezes seguidas o Creio em Deus Padre. A primeiro corda quebrou-se sem que ninguem pedisse para o miseravel a bandeira da Misericordia, ao menos como um consolo. A segunda resistiu aos impúxos do improvisado carrasco, o galé Manuel Pereira.

A Cámara Municipal de Russas era tão pobre na época que não teve dinheiro para pagar a forca e recorreu ao erario provincial, que a pagou. Foi uma das forcas mais baratas do mundo e só serviu aquela vez. Custou 39$760!.... E' de admirar que essa despesa não tenha sido acrescentada ás custas por conta de Antonio Nogueira, que perdeu a sobrinha, o escravo, o dinheiro e, naturalmente, o sono por muitos dias....

O Capitão Cebola

Em meados do século passado, as matas do Cocó, hoje desaparecidas, começavam logo ao sair de Fortaleza, na estrada da Mecejana. Adeante do atual bairro da Estação, rumo ao Alto da Balança, o caminho mergulhava sob um túnel de verdura, que somente ia findar nas várzeas cobertas de carnaubais que antecedem a povoação de Cajazeiras.

As matas prolongavam-se, para o lado direito de quem deixa a cidade, até a lagôa dos Cachorros e até o Tauape; para o esquerdo, até a barra do rio Cocó, que lhes dava o nome, entre os alvos morros da costa. Por dentro delas se desenhava o arabesco das veredas que levavam aos sitios da vizinhança do rio, em cujos alagadiços ferteis a escravaria trabalhava o dia inteiro de enxada.

Numa quente manhã de março de 1852, por uma dessas veredas caminhava ligeiro o mulatinho Benedito, carregando, enfiados no braço, um saco de riscadinho americano cheio

Quando ESTE não lhe interessar, por favor
PASSE A UM AMIGO

CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSARIO SELAR ESTE CARTÃO

O SELO SERÁ PAGO POR

Getulio M. Costa

Caixa Postal 1.829

RIO DE JANEIRO

CARTÃO
Autorisação n. 56
Rio de Janeiro

de pães e uma grande posta de carne fresca dependurada duma embira. Escravo do comendador José Antonio Machado, homem rico e influente, dono do primeiro sobrado que houve em Fortaleza, á esquina da praça do Ferreira, levantado pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer onde hoje se ergue o arranha-céu do Hotel Excelsior, voltava de comprar pão e carne para o sitio de seu senhor, que ficava nas proximidades.

Vinha a pé dêsde a lagôa do Garrote e ia depressa, mal dando atenção aos inúmeros pássaros que enchiam a mata com seus vôos e trinados, aos preás que corriam sob os tapetes de capim acamado nos claros do arvoredo, ás cobras que remexiam nos folhiços. De repente, sentiu passos atrás de si e voltou-se. Deu com um negro alto e feio, nú da cintura para cima, com o cabo duma faca larga, das que no tempo se chamavam flamengas, no cós das calças encardidas. Murmurou com assombro, quasi a rilhar os dentes:

— O capitão Cebôla!

Era o apelido popular dum negro fugido, tambem chamado Benedito, escravo de Ernesto José Ferreira, de Caxias, no Maranhão, que ha tempos vivia acoutado nas matas do Cocó, salteando de quando em vez um passante descuidado ou um viajante sem armas. Tinha fama de ser feroz. Por isso, o mulatinho começou a tremer. O negro ordenou-lhe impiedosamente:

— Passe para cá essa carne!

Entregou o pedaço de chã de dentro que levava.

— Agora, passe êsse saco de pão!

Deu o saco, sempre tremendo, ao negro, que falou:

— Raspe-se sem olhar para trás!

A resposta do mulatinho foi a sua perdição:

— *Inhor* sim, *seu* capitão Cebôla!

Estugou o passo pela vereda. O preto mergulhou na mata sombria, rápido, porem matutando:

— O moleque entregou tudo. Tremia que parecia com maleitas... *Inhor,* sim, *seu* capitão Cebôla!....

Parou e refletiu:

— Ai! que o desgraçado me conhece, chega no sitio, conta ao senhor que fui eu que lhe tomei as compras e lá vem policia atrás de mim... O senhor dêle é homem de força... Eu devia era matar êsse moleque.... Defunto não fala....

Tomou a resolução extrema subitamente. Agachou-se como um cinocéfalo sob a densa ramaria dum cajueiro secular e embrenhou-se no matagal. Ouviu-se algum tempo o estralejar dos galhos sêcos quebrados; depois, mais nada.

O mulatinho caminhava apavorado com o que lhe acontecera e com o que lhe poderia acontecer, pensando se acreditariam ou não no sitio do comendador que o capitão Cebôla o assaltára, quando êste, que lhe atalhára o passo por dentro da mata, surgiu á sua frente. Não pôde fugir, resistir ou gritar. Não pôde fazer nada! Com um salto felino, o negro cravára-lhe a faca flamenga no umbigo, num golpe tão profundo e largo que derramou os intestinos. Caíu escabujando e o capitão Cebôla, agarrando um pedaço de páu, bateu-lhe barbaramente na cabeça até que se não mexesse mais.

No dia seguinte, 18 de março, os urubús revoavam no céu azul, atraidos pelo corpo em putrefacção, quando o descobriram. O modo selvagem por que havia sido morto o mulatinho horrorizou a toda a gente. O comendador Machado pôs logo seu prestigio em ação para que a policia descobrisse o feroz matador. Desconfiava-se do capitão Cebôla, que já assaltára varias pessôas naquela redondeza, embora sem matar ninguem. No entanto, para evitar dúvidas futuras, no dia 20 o chefe de policia mandou dois valentes soldados, Raimundo José do Nascimento e Raimundo Pinto Rafael, o Mergulhão, sob o comando do destemido sargento João Ribeiro, prender o negro fugido. Guiava a escolta o cabo Canuto Ferreira da Graça, tido e havido pelo melhor rastejador do Ceará. Os policiais percorreram toda a mata nos arredores do local do crime, seguindo o rasto do assassino sem que o encontrassem. A noite os surpreendeu nessa faina. Dormiram ali mêsmo. De madrugada, o cabo Canuto continuou a seguir no meandro das veredas as pegádas do quilombola, como um verdadeiro cão de caça.

O rasto levou-o longe. Saía na várzea do Tauape, atravessava a estrada de Arronches, no Bemfica, seguia pela Baixa Preta, perlongava a estrada do Gado até os fundos do Curral do Açougue e continuava pelos taboleiros do Alagadiço Grande. Parava de repente numa moita embastida, que os soldados cercaram com o sol já bem alto.

— Entregue-se á prisão, capitão Cebôla! intimou o sargento.

Nem palavra. Só o vento da manhã soprando das dunas ciciava na folhagem. O

oficial inferior procurou afastar uns ramos para examinar o interior da moita, quando um braço vibrou de lá de dentro um golpe de faca. Se o policia não é agil, estava desgraçado. Deu um pulo de costas, pulo de gato. A facada que devia furar-lhe as tripas feriu-lhe somente a côxa, de raspão.

— Façam fogo! gritou.

Os soldados atiraram. Então, o negro Benedito, ferido entre as pernas, em lugar melindroso, entregou-se. Trazia ainda consigo o saco de riscadinho americano, prova material do crime, que o impossibilitou de negá-lo.

Pronunciado e submetido a júri, êste o condenou a galés perpétuas. O advogado apelou para novo julgamento. Foi a sua desgraça. O segundo júri condenou-o á morte em 24 de setembro de 1853. Negada a graça imperial, o ministro Nabuco de Araujo mandou proceder á execução por aviso de 12 de março de 1855.

Na manhã de 17 de abril, o réu estava no oratorio da Cadeia Pública confessando-se ao vigario Peixoto de Alencar e ao padre Guerra, todo carregado de ferros: algemas, grilhões, golilha e correntes ligando isso tudo, em obediencia á seguinte ordem escrita do

presidente da Provincia, padre Pires da Mota: "Tratando-se duma fera, é preciso, ainda nesta hora extrema, trazê-la bem segura". Os confessores penalizados conseguiram, porem, que ficasse somente algemado.

A execução que devia ser na manhã seguinte só se realizou á tarde, devido ás chuvas torrenciais que cairam. O povo miudo enchia toda a área compreendida entre a Cadeia, sem o muro exterior de hoje, a Santa Casa, que só tinha a fachada principal, o ateiral da antiga rua Amelia e a rampa que descia para a praia. O condenado veio do oratorio até a forca ali armada pela atual rua da Misericordia, com toda a solenidade prescrita pelo Codigo Criminal. Caminhava serenamente, vestido de alva. Segurava o baraço um carrasco improvisado, o galé Manuel Preto, escravo do Coelho Marceneiro. A multidão chorava tão alto que se ouvia ao longe, como escreveu a propósito Paulino Nogueira, "á semelhança duma chuva que se aproximasse".

O capitão Cebôla soube morrer. Subiu com firmeza a ingreme escada do patibulo e lá de cima falou á multidão:

— Peço a todos um padre-nosso e uma ave-maria!

Parou o chôro. Ouviu-se o balbucio das preces.

Disse, depois, ao carrasco:

— Manuel, eu te perdôo a minha morte. Meu carrasco não devia ser tu, mas o velho Machado.

Os inúmeros inimigos do comendador logo assoalharam que o negro queria dizer que subia ao cadafalso pela perseguição atroz do senhor do mulatinho que assassinára. Fôra tão perverso para com êle que poderia como carrasco coroar sua obra. Os confessores da agonia encarregaram-se com seu espirito de caridade cristã de rebater essa maldosa interpretação, afirmando que o negro desejára fazer sentir só se considerar bem castigado, executado pelo proprio amo de sua vitima. Apesar de tudo, a primeira hermeneutica foi a que prevaleceu na opinião geral.

Ainda o corpo do capitão Cebôla se balançava sinistramente no alto da forca, quando, ao escoar-se a multidão pelo ateiral entre as ruas Amelia e Formosa, dois *cabras* se travaram de razões, em frente da esquina da Santa Casa, no local onde mais tarde se levantaria o teatro São Luiz. Altercaram violentamente. Um dêles foi logo descascando a faca e berrando, a apontar para o cadafalso:

— Pensas que tenho medo daquilo ali?... Estás muito e muito enganado!... Forca se fez para homem e não para cachorro!...

A lei mandava executar os réus publicamente para *escarmento* do povo. Foi êsse o unico escarmento que consta tenha produzido, no ano da Graça de 1855, a execução do capitão Cebôla, felizmente a última havida na Provincia do Ceará.

INDICE

INDICE

O Capitão Cara-Preta 7

Exemplo sem valor 17

O abraço do carrasco 23

A forca de Pinto Madeira 23

São Fuisset! 37

Rapadura do enforcado 49

O tesouro do Brigue-escuna 57

Amor de negro 71

A morte do doutor Rego 81

A escrava Bonifacia 91

As raspas de taboca 103

A mão de pilão 115

Os pentinhos de marrafa 123

O patuá-mandinga 135

A mulher do Coringa 145

As abélhas de São Pedro 157

O crime do taboleiro de areia 169

O Capitão Cebola 175

Catalogo da "Editora A B C"

"BIBLIOTECA DE AÇÃO CATÓLICA"

ELEMENTOS DE AÇÃO CATÓLICA — ultimo livro do Dr. Alceu Amoroso Lima — br . . . . . 10$000
o mesmo livro, encadernado . . . . . 15$000
PELA AÇÃO CATÓLICA — Alceu Amoroso Lima - br. . 8$000
MANUAL DE AÇÃO CATÓLICA — Mons. Luigi Civardi, 1.ª e 2.ª partes, 2 vols. — brs. . . . . 10$000
O APOSTOLADO LEIGO — Paul Dabin S. J. — br. . . 8$000
PROGRAMA DE AÇÃO CATÓLICA — P. Castro Nery — br. . . . . 6$000
AÇÃO CATÓLICA E JOCISMO — P. Carlos Ortis — broch. . . . . 3$000
CARTAS ENCICLICAS — Pio XI, Papa — br. . . . . 3$000
NOVO CATECISMO DE AÇÃO CATÓLICA — Luis Sucupira — br. . . . . 1$000

"OBRAS DIDATICAS"

DOUTRINA CRISTÃ — Francisco Pascucci — br. . 6$000
INTRODUÇÃO A' BIBLIA SAGRADA — Prof. D. Alba Canizares Nascimento — br. . . . . 7$000
ENSINO CATÓLICO — orientações — Prof. D. Zelia Oliveira Braune — br. . . . . 2$000
O EDUCADOR CATÓLICO — Pe. Guilherme Boing - br. 2$000
LENDAS DO CÉU E DA TERRA — de Malba Tahan — cart. . . . . 3$000
ESTUDOS DE LINGUAGEM — Prof.ª D. Zulmira Queiroz Breiner — br. . . . . 6$000
TUDO E' FACIL — matematica infantil para o 3.º ano primario — Prof. Irene Albuquerque e Melo e Sousa — cart. . . . . 4$500
MATEMATICA FACIL E ATRAENTE — metodologia da matematica da Escola Primária — livro para o professor — br. . . . . 3$000
DIARIO DE LUCIA — matematica infantil para o 4.º ano primario — Profs. Irene Albuquerque e Melo e Souza — cart. . . . . 4$500

CONTOS DE CHAN-NA-LI — matematica infantil para o 5.º ano primário, pelos profs. de Tudo é Facil — em preparo . . . . . .
CONTINHAS — curso infantil de matematica — prof. Melo e Sousa — em preparo . . . . . .
ALEGRIA DE LER — leitura escolar para 5.º ano e admissão — pelo prof. Melo e Sousa — cart. . . 6$000
MINHA CARTILHA — profs. Laura Melo e Sousa Campos — cart. . . . . 2$800
TRATADO DE PEDAGOGIA — Mons. Pedro Anisio — cart. . . . . 12$000
COMPENDIO DE PEDOLOGIA E PEDAGOGIA EXPERIMENTAL — Mons. Pedro Anisio — cart. . 8$000
REFORMA DO ENSINO — Pe. Arlindo Vieira — br. . 7$000
PREPARAÇÃO A' SOCIOLOGIA — Dr. Alceu Amoroso Lima — br. . . . . 7$000
POLITICA — Dr. Alceu Amoroso Lima — br. . . . 15$000

"LINGUA PORTUGUESA"

VOCABULARIO ORTOGRAFICO — oficial — Prof. Brant Horta — cart. . . . . 10$000
SINTAXE DA LINGUA PORTUGUESA — Prof. Laudelino Freire — cart. . . . . 5$000
ESTUDOS DE PORTUGUÊS — Prof. Artur de Almeida Torres — cart. . . . . 5$000
NOVO DICIONARIO POPULAR DA LINGUA LUSO-BRASILEIRA — Prof. A. Lopes Vieira — enc. . . 15$000
FONTES DO LATIM VULGAR — o Appendice Probi — prof. Serafim Silva Neto — br. . . . . 10$000
ESCREVER CERTO — parte primeira Prof. Aires da Mata Machado — br. . . . . 7$000
ESCREVER CERTO — parte segunda — Prof. Aires da Mata Machado — br. . . . . 9$000
ORTOGRAFIA SIMPLIFICADA — oficial — regras para bem escrever — pelo prof. Luis Sucupira — broch. . . . . 1$000

"AÇÃO SOCIAL"

A DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA — G. C. Rutten — prof. de Teologia, trad. fiel — br. . . . . 7$000
o mesmo livro — enc. . . . . 10$000
OS CATOLICOS E A QUESTÃO SOCIAL — Robinot Marcy, S. J. — br. . . . . 5$000
DO GOVERNO DOS PRINCIPES AO REI DE CIPRO E DO GOVERNO DOS JUDEUS A' DUQUESA DE BRAMANTE — de São Tomás de Aquino — br. 5$000
O DIVORCIO — P. Leonel da Franca — br. . . . 15$000
o mesmo livro — enc. . . . . 20$000
PROTESTANTISMO NO BRASIL — Pe. Leonel da Franca, S. J. — br. . . . . 12$000
o mesmo livro — enc. . . . . 18$000

"COLEÇÃO CRISTO REDENTOR"

APOSTROFES — Pe. Julio Maria — br. . . . . 4$000
A GRAÇA — do mesmo autor — br. . . . . 4$000
AS VIRTUDES — do mesmo autor — br. . . . . 3$000
ESPIRITO E VIDA — as sete palavras de N. S. Jesus Cristo — Pe. J. Cabral — br. . . . . 3$000
UM MARTIR DE NOSSOS DIAS — Pe. Antonio Dragon, S. J. — br. . . . . 4$000
PRINCIPIOS DA VIDA DE INTIMIDADE COM MARIA SANTISSIMA — Pe. Julio Maria — br. . . 6$000
DEUS E O HOMEM — do mesmo autor — br. . . 6$000

"COLEÇÃO PARA NOSSAS FILHAS" (ROMANCES)

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR — Julio Diniz — br. . . . . 5$000
DIVA — José de Alencar — br. . . . . 2$000
O ARREPENDIDO — Victor Felí — br. . . . . 3$000
O SILENCIO DO AMOR — Belcayre e Angel Flory - br. 5$000
SEPULTURA DE FERRO — H. Conscience — br. . 3$500

"SERIE RECREATIVA ESCOLAR"

HISTORIA DA TERRA E DA HUMANIDADE — o mais lindo livro para presente — por Jorge de Lima — todo ilustrado — cart. . . . . 10$000
O PEQUENO LORD ou UM GAROTO DE QUALIDADE — historia e romance com ilustrações — por F. Hodgson Burnet — cart. . . . . 10$000

"OBRAS RECREATIVAS, INSTRUTIVAS E MORAIS"

CASAMENTO E FECUNDIDADE — leitura reservada — Pierre Lhomme — br. . . . . [illegible]
DEUS O QUER — Jonatas Serrano — br. . . . . [illegible]
CARTILHA DA PROBIDADE — Dr. Fernando Magalhães — br. . . . . [illegible]
ANCHIETA — Jorge de Lima — br. . . . . [illegible]
A CONGREGAÇÃO MARIANA — Escola de Santidade e de Apostolado — Pe. Emilio Villaret, S. J. — br. [illegible]
MANUAL DA PAROCHIA — Mons. Leoviglido França — enc. 10$000 — o mesmo c/ corte dourado — enc. [illegible]
LIVRO DE OURO DOS MENINOS E MENINAS — para a primeira comunhão — Mons. A. E. Sousa — enc. [illegible]

DA RAZÃO PARA A FE' — Pe. Salvador Tomasini. br. 7$000
CASOS REAIS A REGISTRAR — A. Felicio dos Santos — br. . . . . 6$000
VIDA MISTICA — Dom S. Luismet O. S. B. — br. . 6$000
NOÇÕES DE SOCIOLOGIA — H. du Passage, S. J.. br. 10$000
SANTA TERESA DO MENINO JESUS — sua vida — um poema em prosa por J. Camara — br. . . . 10$000
O HOMEM QUE CALCULAVA — Em 4.ª edição — romance e aventuras de um calculista — por Malba Tahan — br. . . . . 12$000
MINHA VIDA QUERIDA — Contos — Malba Tahan — vol. br. . . . . 6$000
CÉU DE ALÁ — Contos — Malba Tahan — vol. br. . 6$000
A SOMBRA DO ARCO-IRIS — por Malba Tahan . .
CRONICA DA IGREJA NO BRASIL — Período Pre-Anchietano, 1500 a 1553 — pelo Rev. Pe. Fernando P. de Castro, S. J. — vol. br. . . . . 10$000
CORRESPONDENCIA - Jackson Figueiredo - vol. br. 8$000
AEVUM — romance por Jackson Figueiredo — br. . 6$000

MILHARES de livros bons, formam a

LIVRARIA ANCHIETA

Obras nacionais e estrangeiras

Praça 15 de Novembro, 101 ——— Telefone: 22-8635
Caixa Potal, 1.329 End. Telegrafico: "Catolica"

——— RIO DE JANEIRO ———